



ANNO I

LVSITANIA

N.º 9

REVISTA CATHOLICA MENSAL

COM APPROVAÇÃO DA AUCTORIDADE ECCLESIASTICA

Porto, 1 de Setembro de 1914

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso

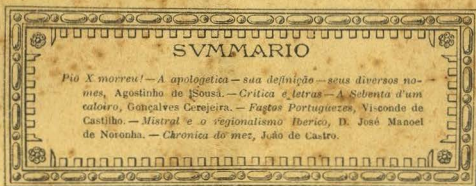
EDITOR

Dr. Manoel Gonçalves Cerejeira

ASSISTENTE ECCLESIASTICO

Dr. Ferreira Pinto

PROPRIEDADE DA COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA



SUMMARIO

Pio X morreu! — A apologetica — sua definição — seus diversos nomes, Agostinho de Sousa. — Critica e letras — A Sobenta d'um caloiro, Gonçalves Cerejeira. — Fagos Portuguezes, Vi-conde de Castilho. — Mistral e o regionalismo Iberico, D. José Manoel de Noronha. — Chronica do mez, João de Castro.

P R E Ç O

Numero avulso.	150 reis
Por assignatura	
seis mezes.	750 "
um anno	12500 "

Todos os pedidos devem ser dirigidos á COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA
(SECÇÃO RELIGIOSA) Rua da Fabrica, 13 — PORTO

Collaboradores da LUSITANIA

D. Antonio Barroso, D. Antonio Barbosa Leão, D. Augusto Eduardo Nunes, D. Manoel Vieira de Mattos, Dr. Ferreira da Silva, Dr. Antonio Garcia de Vasconcellos, Dr. Pacheco d'Amorim, Dr. Correia Pinto, Dr. Lino Netto, Dr. Domingos Pinto Coelho, João Franco Monteiro, Dr. Elias d'Aguiar, Dr. Agostinho de Jesus e Souza, Dr. Antonio Bento Martins Junior, D. José d'Azevedo e Menezes, Dr. Antonio Jorge d'Almeida Coutinho e Lemos Ferreira, Dr. Mendes dos Santos, Dr. Santos Motta, Dr. Antonio d'Oliveira Salazar, Padre Guimarães Dias, Dr. Silvio Péllico, Mons. Domingues Máziz, Dr. Almeida Correia, Dr. Gonçalves Cerejeira, Dr. Castro Meirelles, Dr. João Ramos de Castro, Dr. João Cavaco, Dr. Pinheiro Torres, Dr. Agostinho Coutinho, Dr. Manoel Pereira dos Reis, Dr. Juvenal d'Araujo, Gomes Leal, José Agostinho, Visconde de Castilho, Padre Nestor Serafim Gomes, Dr. Fortunato d'Almeida, Dr. Ruella Ramos, Dr. Ferreira Pinto, Dr. Crispiniano da Costa, Conego Dr. Antonio Bernardo da Silva, Dr. Antonio de Carvalho e Dr. Arthur Bivar, Dr. Cunha Barbosa, Dr. Leite de Faria, D. Francisco d'Almeida, Zuzarte de Mendonça, Padre João Adelino Monteiro Vacondeus, Dr. Cunha e Costa, etc.

Historia da Egreja em Portugal

— POR —

Fortunato de Almeida

Bacharel formado em Direito, Professor do Lyceu de Coimbra, Socio do Instituto da mesma cidade, da Sociedade de Geographia de Lisboa, e da Sociedade Portugueza de Estudos Historicos

Volumes publicados

Tomo I — Desde as origens do christianismo na península até á morte de D. Diniz (1325). Um volume de 800 pag., 2\$500 reis. — **Tomo II** — Desde a aclamação de D. Affonso IV até á morte de D. João II (1325-1495). Um volume de 812 pag., 2\$500 reis.

Em publicação

Tomo III — Desde a aclamação de D. Manoel I até á morte de D. João V (1495-1750). Dois volumes. Estão publicados sete fasciculos. — **Tomo IV** — Desde a aclamação de D. José I até á proclamação da republica (1750-1910). Um volume. — **Tomo V** — Os acontecimentos no tempo da republica. Um volume illustrado com grande numero de photographuras, e com muitos documentos.

Cada fasciculo de 80 pag., 250 reis. A cobrança é feita pelo correio, por grupos de dois fasciculos, depois de distribuidos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

IMPRENSA ACADEMICA 157. R. da Sophia
= COIMBRA =

LUSITANIA

REVISTA CATHOLICA MENSAL

Com a approvação da Auctoridade Ecclesiastica

ANNO I

PORTO, 1 DE SETEMBRO DE 1914

N.º 9

Director e Proprietario:
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso

Editor:
Dr. Manoel Gonçalves Carejeira

Redacção:
Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO
Typ. Teixeira — Mario Antunes Leitão
Rua da Cancellia Velha, 70

PIO X morreu!

A *Lusitania* veste hoje de rigoroso lucto.

Sua Santidade o Papa Pio X morreu!

N'esta hora de pesadelos tenebrosos para o mundo inteiro, cujo solo é regado de sangue, a morte do Pontífice tem um significado tão grande, que só a posteridade o poderá avaliar.

Morreu o Papa, o maior soberano da terra, o Vigario de Jesus Christo! Circunda o seu cadaver uma auréola de santidade, e deante da sua figura os crentes choram, e os proprios indifferentes curvam a fronte respeitosos.

Morreu! E na ante-camara da morte, Elle que foi o Bom por excellencia, a incarnação terrena do Amor que toca as raias do martyrio; Elle que derramava copiosas lagrimas, quando a desgraça feria qualquer povo; Elle que tudo tentou para levar o mundo á *restauração de Christo*; — Elle pediu á louca insania dos soberanos da terra, a ensanguentar-se, que suspendesse no ar os seus gestos de morte; pediu aos velhos reis que não salpicassem de sangue os seus derradeiros dias, pediu aos reis adolescentes que não crestassem a flor da sua mocidade nascente na pyra ardente dos odios que aniquilam; pediu aos poderosos que não abusassem do poder, que Deus lhe concedera para prosperidade dos seus povos!

E attenderam acaso, todos elles, a palavra d'amor que o Pontífice lhes dirigia?

Ah! não! O odio, a maldade humana, a humana fragilidade não conseguiu attingir a sublimidade da paz em Jesus Christo! O fastigio entonteceu os soberanos. O oiro das corôas cegou a razão dos reis, e fez com que elles betassem sangue criminoso a alvura dos seus arminhos!

— Mas que importa aos homens dominadores da terra, a palavra de um velho, embora Elle seja um Santo!

Que importa?! Importa a salvação do genero humano. A lei salvadora é só a de Christo!

Transmissor das Suas indicações, o Papa, foi á hora em que morria, muito maior, aos olhos humanos. A Paz, a dama casta, da pureza do céo, da brancura purissima dos lyrios, linda como a suavidade das almas chamadas ao Senhor, meiga como o conforto que só o amor christão faz penetrar nos corações; a Paz que, muito diversa dos ideaes pacifistas dos revolucionarios anarchicos, é a mais pura flôr do catholicismo, a desabrochar no seio do homem e no seio dos povos; a Paz, que foi o anjo do parcho humilde de Tombolo, do Seminarista de Treviso, do vigario geral e do bispo de Mantua, do patriarcha illustre de Veneza; a Paz foi tambem a ultima palavra que respirou dos labios candidos do Pontífice Romano que Deus acaba de chamar á Sua presença!

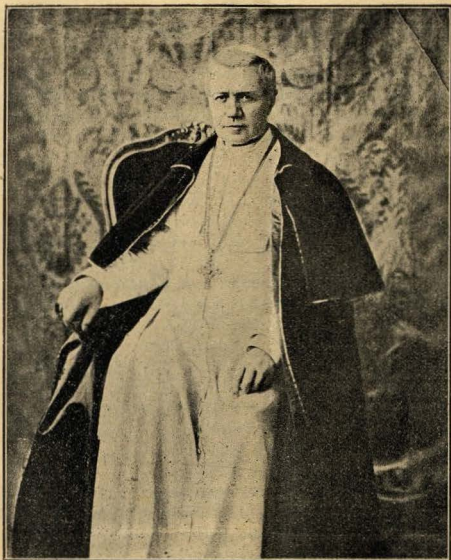
Pelo amor, Elle viveu e morreu!

Ha porém, na sua vida eguaes titulos de gloria. Ha uma intelligencia finissima, inspirada pelo divino Espirito Santo, que orientou o caminho da christandade pela estrada gloriosa do triumpho e da victoria.

Esperava-se, em 1903, um bondoso Papa, e José Sarto surgiu, bondoso e sabio. Esperava-se um Papa que chorasse as amarguras do mundo, e o consolasse, — e surgiu um Papa que, consolando-o, lhe deu além da consolação, a mais viva doutrinação que o seculo requeria.

Restaurar tudo em Christo — eis a divisa do Papa. Ao fim do seu reinado gloriosissimo, a restauração da fé christã era um facto.

Na ordem puramente religiosa a piedade estava afervorada e á Meza Santa da Eucharistia accorriam milhares de fieis, n'uma ancia de paz que commovia. Na ordem social e politica, a restau-



SUA SANTIDADE PIO X

ração christã affirmava-se pelo depuramento das fileiras ; a Igreja, sem perder um palmo do terreno que conquistara, manteve perante os systemas politicos aquella serena e firme intransigencia que faz estilhaçar as espadas e os punhaes na mão dos seus perseguidores. O Papa não se curvou deante de ninguem. Todos se

curvaram deante d'elle. Fecharam-lhe as portas do tribunal da Haya, mas nem por isso elle deixou de entrar na assembleia das nações.

Pio x procurou atravez de tudo fazer a concentração catholica, não sobre plataformas de transigencias e de oscillações, mas com os fieis verdadeiramente convictos, a quem por seu turno concedia liberdade de opinião no que não respeitasse a materia de fé.

As palavras de Pio x sobre a questão do interconfessionalismo na Allemanha e as suas direcções aos catholicos de França, demonstram quanto foi vigorosa e salutar a sua acção de defeza da Egreja.

Esta restauração christã, porém, teve o seu quadro mais empolgante no mundo intellectual. Já nos derradeiros annos de S. S. Leão XIII o modernismo deflagrava sobre os espiritos cultos, como uma peste.

Em França e na Allemanha, os seus mentores cantavam já victoria e havia quem predissesse que o poder espiritual da Egreja iria dar dentro em breve o ultimo suspiro.

Pio x todavia, senhor da palavra divina, fez recuar a turba lantejoulada e fatua dos novos barbaros. A Encyclica *Pascendi*, um dos documentos de maior valor d'este seculo, confundiu o inimigo da Egreja, que pompeava já o seu satanico orgulho, e desmascarou os falsos de consciencia que sob as vestes sacerdotaes tentavam envenenar com a perfidia modernista, o velho e robusto organismo da Egreja Romana.

Desde então, as confusões cessaram, delimitaram-se os campos. Fortificou-se o pensamento catholico, e quando mais tarde uma onda de renovação espiritualista e christã roçou pelas grandes mentalidades europeias, horrorisadas da anarchia do doutrinarismo revolucionario que entronca directamente no encyclopedismo, essa pleiade de pensadores eminentes veio assentar-se á sombra da Egreja que, na esphera intellectual como na ordem pratica, é a unica força de disciplina e de ordem existente no mundo.

Eis a *obra de restauração christã*, eis a *acção de concentração e defeza catholicas*, levadas a cabo pelo grande Pontífice Pio x.

Ha, comtudo, ainda um outro aspecto da sua acção que convém desde já salientar. Pio x foi um reformador de largo e profundos rasgos.

Quem percorrer a serie de decretos que reorganisam as Congregações da Curia e os institutos pontificios de ensino, que iniciam e propulsionam trabalhos de tão magno alcance como a coordenação do direito canonico — ficará verdadeiramente admirado de que aquelle Papa, que só para o amor e os sorrisos meigos parecia viver, fosse tambem uma figura de tão vastos aspectos e todos elles de tão singular brilho!

Fogo ardente se extinguiu agora no Vaticano, fogo que abrazava de bondade o coração dos fieis, fogo que illuminava o caminho da verdade e da vida aos transviados pelo erro, fogo que acendeu outros, de esperança, na alma soffredora do Povo.

S. S. Pio X morreu!

Fieis e disciplinados soldados da Egreja, nós curvamo-nos e ajoelhamos perante Sua memoria, rogando a Deus por alma de Sua Santidade!

Notas biographicas de S. S. PIO X

Origens.

S. S. Pio X (José Melchior Sarto), nasceu a 2 de junho de 1835 em Riese, diocese de Treviso.

Sua familia (Sarto) é originaria de Villa Estense, burgo de trez mil e novecentos habitantes que faz parte da pequena cidade de Este, na provincia de Padua. Seu bisavô, Paulo Sarto, teve dois filhos: — um, Vicente, nascido a 12 de fevereiro de 1651; outro, João, nascido a 12 de novembro de 1652. O Summo Pontifice, que Deus acaba de chamar á Sua presença, descendia do primeiro. Paulo Sarto nascêra em 27 de fevereiro de 1762; a familia abandonou Villa Estense, dirigiu-se a Godego, alli permaneceu pouco tempo, e estabeleceu-se em Riese, onde, a 26 de maio de 1792, nasceu João-Baptista Sarto, pae de S. S. Pio X.

Riese é uma pequena Communa de 3:400 habitantes que depende de Castel-franco Veneto. Ahi veio ao mundo José Melchior Sarto, a 2 de junho de 1835, sendo logo baptisado no dia 3 do

mesmo mez e anno. Seu pae exercia o modesto cargo de empregado communal e sua mãe, Margarida Sansoni, occupava o tempo vago pelos cuidados domesticos, em trabalhos de costura; uma humilde casa e um campo eram a unica posse da familia.

A acta do baptismo inscripta nos registos da parochia de São Martinho de Riese, completa estes primeiros dados biographicos: — « A 2 de junho de 1835, Sarto José-Melchior, baptisado a 3 do dito mez, don Pellizari, vigario; filho de João-Baptista e de Margarida Sansoni, casados em Riese, a 12 de fevereiro de 1833, proprietarios. Padrinhos, Antonio Sarto, domiciliado em San-Vito, e Francisca Zozzan. »

Os primeiros annos.

A familia Sarto timbrava em manter atravez da sua descendência os principios religiosos que exemplarmente professava. E assim, José Sarto recebeu de seus paes as primeiras lições de catholicismo, seguindo depois para a escola communal. Aqui logo se fez notar José Sarto pela agudeza de seu espirito. O vigario, dom Luiz Orazio, deu-lhe algumas lições de latim, e o arcepreste de Riese, don Tito Fusarini, ao ver a sua facilidade em aprender e a sua doçura d'animo, que naturalmente o encaminhava á piedade, concebeu a ideia de o dirigir para o Sanctuario. Decidido seu pae a fazer os necessarios sacrificios, o moço Sarto, com 11 annos apenas, foi enviado a Castel-franco Veneto, onde então havia um collegio, hoje transformado em simples escola primaria. A distancia entre Riese e Castel-franco Veneto é de sete kilometros, e todos os dias a vencia a pé José Sarto.

Aos treze annos, para alliviar os encargos de familia, fez-se professor, ensinando os rudimentos de leitura e escripta aos filhos do hoteleiro em cuja casa comia.

O seminarista.

Quando os seus estudos terminaram em Castel-franco, seu pae permittiu-lhe que entrasse no Seminario de Padua. A 19 de Setembro de 1850 vestiu a sotaina e recebeu a tonsura no anno seguinte. As provas de tenacidade no trabalho, largo talento e facil assimilação que já déra em Riese e em Castel-franco, demonstraram-se de novo em Padua. O Seminario comprehendia dois annos de humanidades, dois de philosophia, e quatro de theologia. Os

professores de José Sarto davam-lhe ao fim do primeiro anno, as seguintes notas:

« *Disciplinae: nemini secundus.*
Ingenii: maximus,
Memoriae: summae,
Spei: maximae. »

Completados os seus estudos de humanidades, entrou no curso de philosophia, sendo o melhor dos trinta e nove alumnos que o formavam; entre as suas notas n'este curso destacamos as seguintes:

« *Philosophia.* — Foi excellente; assimilou esta sciencia larga e profundamente, como se requeria.

Mathematica. — Distinguiu-se pelas suas naturaes aptidões para as sciencias; mostrou uma grande habilidade na solução dos problemas algebricos e geometricos.

Physica e sciencias naturaes. — Distinguiu-se pela clareza do pensamento e pelos seus conhecimentos precisos e coordenados das demonstrações mathematicas. »

A 4 de maio de 1852, morreu seu pae; este facto entravava-lhe a vocação, pois que José Sarto se via na impossibilidade de contar com os seus para continuar o seu curso no Seminario de Padua.

Foi então que, em seu auxilio, intervieram o arcipreste Fusarini e Mgr. Monico, patriarcha de Veneza, tambem natural de Riese, em casa do qual um tio do padre Sarto fôra creado de quarto. Graças a esta intervenção, o joven seminarista pôde obter a gratuidade dos seus estudos. Proseguiu n'elles e tomou ordens a 18 de setembro de 1858, na igreja matriz de Castel-franco, que lhe foram conferidas por Mgr. Farina, então bispo de Treviso.

O parochio.

Ao padre Sarto foi no anno seguinte confiada uma parochia. Em 1859, o seu bispo nomeou-o capellão em Tombolo, titulo que equivale ao de Vigario. Para ajudar sua familia, chamou uma de suas irmãs para junto de si, mas esta parochia era tão pobre, que, como contava seu irmão Angelo, « morreria á fome se não fizesse mais nada. » Occupou-se, pois, tambem na educação de creanças e deu-se á prédica. Naturalmente eloquente, servido por uma bella

intelligencia, assimilando rapidamente o que lia; foi muito procurado como orador, e os emolumentos dos seus sermões permittiam-lhe supprir o que o vicariado de Tombolo não podia dar-lhe.

A annexação da Venecia á Italia após a guerra de 1866, tornando-o subdito de Victor-Manuel alegrou-o; d'aqui as relações que mais tarde teve com a familia real.

Ao cabo de nove annos, o padre Sarto, em junho de 1866, obteve uma promoção que lhe permittiu diminuir as suas privações quotidianas.

De Tombolo foi transferido para o arciprestado de Salzano, communa da Venecia, mais rica que a de Tombolo. O burgo de Salzano foi durante nove annos o theatro do seu apostolado.

Fez-se tudo para todos, cumpriu a sua promessa, e tanto que não só em boas obras dispendeu todo o seu rendimento, como tambem contrahiu uma divida de seis contos de reis para dotar a sua parochia com um hospital.

O conego.

Mgr. Frederico Zinelli fora nomeado bispo de Treviso a 30 de Setembro de 1861 e teve occasião de ver o padre Sarto em plena acção parochial.

Em 1875 chamou-o para junto de si, nomeou-o conego da cathedral, e confiou-lhe o cargo de director espirital do Seminario diocesano. Mgr. Zinelli nomeou-o dentro em pouco presidente do capitulo e depois, chanceller do arcebispado.

Estes tres cargos que teriam bastado para dar que fazer a duas pessoas, foram desempenhados com egual zelo pelo conego Sarto.

Director espirital do Seminario, elle foi um exemplo vivo para os seminaristas, que tinham na simples presença do seu director a realisação pratica do que elle lhes ensinava nas meditações e instrucções espirituaes.

Ali se demonstrou já o seu gosto pelo canto coral. Assim chegou a occupar um logar preponderante na administração da diocése de Treviso.

O vigario geral.

A diocese de Treviso remonta a altissima antiguidade. S. Prodoseimo, discipulo de S. Paulo, lá prérgou a fé, mas os primei-

ros bispos são apenas conhecidos no IV seculo. Comprehende a diocese 212 parochias que teem sob a sua jurisdicção 357:000 habitantes. N'aquelle tempo, o Seminario, contava mais de 100 seminaristas, eram 350 os padres e perto de 200 as religiosas. Comprehende-se que uma diocese tão vasta, e onde a vida christã era tão intensa, devesse dar muito trabalho ao prelado encarregado da sua administração. Mgr. Zinelli, que chamara o Conego Sarto a participar do encargo d'este governo, apoz um ataque de apoplexia entregou-o quasi completamente ao seu cooperador e quando morreu, a 24 de novembro de 1879, o chanceller do bispado, tornado vigario geral, tinha a confiança de todo o clero. O Cabido confiou-lhe a administração da diocese, *sede vacante*. A 28 de fevereiro de 1880, Mgr. José Callegari era nomeado bispo de Treviso e reinterou ao Conego Sarto a confiança que o seu precedessor n'elle depuzera, dando-lhe as cartas de vigario geral. Quando este bispo foi transferido a 25 de novembro de 1882 para a séde episcopal de Padua, o Cabido nomeou outra vez José Sarto vigario geral. Pouco tempo occupou este logar, porque o mesmo consistorio que transferia Mgr. Callegari para Padua, igualmente transferia Mgr. José Apollonio, de Adria para Treviso. Todavia durante a vacatura, o vigario capitular deu as mesmas provas de intelligencia e prudencia administrativas, e Mgr. Apollonio, novo bispo, confirmando a escolha feita pelo Cabido, fel-o seu collaborador immediato, nomeando-o vigario geral. Já de longa dacta o conhecia e estimava, desde os tempos em que o Conego Sarto era director do Seminario de Treviso.

O bispo de Mantua.

As qualidades do padre Sarto haviam chamado, de modo especial, as attensões de Mgr. Callegari que d'ellas fallou ao Cardeal Parocchi, então presidente da commissão *de Italia eligendis episcopis*. O cardeal que era conhecedor dos homens, não quiz occultar o que acabava de ouvir, e propoz a Leão XIII o conego Sarto para o bispado de Mantua que acabava de vagar, por transferencia de Mgr. Berengo para Udine, em 10 de novembro de 1884. Na mesma dacta, foi, pois, José Sarto, nomeado bispo de Mantua.

Mgr. Sarto foi sagrado na cathedral de Mantua a 23 de novembro de 1884. O cardeal Parrochi foi o prelado consagrador,

assistido de Mgr. Pietro Rota arcebispo titular de Thebas, e de Mgr. Berengo, arcebispo de Udine, já fallecido. Com elle, foram sagrados Mgr. Curti, bispo de Guastalla, e Mgr. de Dominicis, actualmente arcebispo de Amalfi. Tomou posse solemne da séde episcopal a 19 de abril de 1885, segundo domingo de Paschoa, cujo evangelho começa *Pastor Bonus*, parecendo indicar já as virtudes do novo pastor.

O bispado de Mantua tem um rendimento de seis contos de reis. N'este novo terreno confiado ao seu zêlo, Mgr. Sarto mostrou-se tal como os cargos que elle exercera, o tinham mostrado. *Forma facti gregis ex animo* foi a sua divisa, e provou-o na sua administração. Foi bispo na verdadeira acepção da palavra, concentrou a sua actividade na diocese, e evitou com cuidado tudo o que podia tornal-o famoso lá fóra. De resto, o trabalho não faltava, e Mgr. Sarto não faltou á tarefa que o Senhor lhe impuzera. Em 1886, por occasião das festas do centenario de Santo Anselmo, protector de Mantua, organisou solemnidades, para as quaes obteve o concurso de cinco bispos e a presença do cardeal Agostini, patriarcha de Veneza.

Em 1888, convocou um Synodo diocesano, o que não havia já ha 209 annos; o ultimo, segundo as chronicas da diocese, datava de 1679, presidido por Mgr. Cattaneo.

Pouco depois, dedicou os seus cuidados á organização das festas centenarias de S. Luiz Gonzaga em Castiglione delle Stivierre.

Para esta povoação se dirigiu com sete outros bispos e innumeros peregrinos vindos de todos os pontos da Italia. Particulares attentões dedicou ao Seminario e á musica sacra. No Seminario, procurou o augmento de donativos para os clérigos pobres e melhorou a instrucção dos Seminaristas a quem serviu de professor, explicando-lhes a *summa theologica* de S. Thomaz d'Aquino.

A musica sacra encontrou no bispo de Mantua um verdadeiro reformador; aboliu a velha musica profana, substituindo-lhe na cathedral o coro de jovens.

Nos primeiros annos era elle proprio quem dava as lições; ainda arranjava tempo para copiar as *partes* e ensinar solfejo aos seminaristas; e assim foi que a perfeita execução musical nas festas do centenario de S. Luiz Gonzaga, mostrou que os ensinamentos do bispo haviam fructificado.

Mgr. Sarto acolheu com enthusiasmo o joven Perosi que,

mostrando-se inclinado para o estado ecclesiastico, recebeu o subdiaconato em Mantua e foi sempre o Benjamin do bispo.

Mas por maior cuidado que tivesse em dissimular as suas perfeições, as suas santas virtudes espalhavam-se ao longe; os seus confrades no episcopado tinham-n'o na mais elevada estima, e quando o patriarchado de Veneza vagou por morte do cardeal Agostini, em 1891, os bispos da região reunidos em Rho (Milão) para a conferencia episcopal annual, prophetisaram-lhe a sua eleição á séde patriarchal.

O Patriarcha de Veneza.

Mgr. Sarto foi, com effeito, escolhido para desempenhar o primeiro posto da Venecia.

Sendo Veneza séde cardinalicia, Leão XIII creou-o no consistorio de 12 de junho de 1893, cardeal-padre do titulo de S. Bernardo das Thermas, e no consistorio seguinte, a 15 de junho do mesmo anno, patriarcha de Veneza.

A 21 do mesmo mez, tomou posse do seu titulo, cuja egreja é o antigo *calidarium* das Thermas de Diocleciano.

O novo patriarcha começou o ministerio sob auspicios menos do que animadores. O ministerio italiano, a que presidiu Crispi nada tinha a objectar contra a pessoa do prelado, mas antepunha-lhe um direito da corôa. O patriarchado de Veneza era de nomeação imperial; ora, pelo tractado de 1866, a Italia tinha herdado privilegios que o governo imperial possuía; por consequencia cabia-lhe tambem apresentar o titular á séde patriarchal de Veneza. O Vaticano respondeu a esta pretensão, que o privilegio era não um direito do Estado, mas um direito do imperador, e que Francisco José, cedendo á Italia os seus direitos sobre a Venecia, não abandonára os que eram propriamente seus. Se padroeiro havia, era ainda o imperador d'Austria. E adduzia o seguinte exemplo. O palacio de Veneza em Roma era considerado dominio privado do imperador, e fôra em virtude d'esta condição de facto, que a Italia não pôde lançar mão d'elle, quando em 1870, se apoderou de Roma. Nada puderam estas razões contra a vontade sectaria de Crispi. Por isto, o cardeal Sarto aguardou em Mantua, cuja administração Leão XIII lhe confiára, que a questão se resolvesse. Um vigario capitular ficou administrando o patriarchado. Aconteceu, porém, que por occasião da questão da Erytreia, Crispi teve neces-

sidade do apoio do Vaticano afim de transferir para os Capuchinhos italianos a perfeitura apostolica que estava nas mãos dos Lazaristas francezes. Então o Papa exigiu que o cardeal de Veneza recebesse o *exequatur* que já ha anno e meio esperava; e a 24 de novembro de 1894, Mgr. Sarto fez a sua entrada solemne em Veneza.

A diocese offerencia graves difficuldades — uma população numerosa, clero escasso, fraquissimo rendimento. Tudo porém, achava pouco Mgr. Sarto. Tal como se mostrara em Mantua assim se mostrou em Veneza. N'aquella diocese elle prégára a obrigação de um cathecismo universal; em Veneza, desenvolveu as ideias que possuia sobre o canto liturgico, confessando todas as preferencias pelo regresso ao cantico tradicional. Absteve-se cuidadosamente de tudo o que se chama *politica*, mas resolveu todas as questões que lhe foram submettidas, segundo os seus deveres de Bispo. A 1 de maio de 1895, escreveu a celebre carta pastoral sobre a musica sacra e, um mez antes, tinha celebrado solememente as festas da fundação da Basilica de S. Marcos. Em 1897, o Congresso Eucharistico reuniu-se em Veneza, e em 1898 teve logar o Synodo Diocesano. Foi n'uma das suas visitas a Veneza, que Mgr. Sarto travou relações com o rei Humberto, deante de quem mostrou sempre que os deveres de cidadão não faziam esquecer os do Cardeal representante da Santa Sé. Occupando-se do povo, foi um grande propagandista das caixas ruraes. Foi um dos mais illustres applicadores dos ensinamentos de Leão XIII. Fundou a *Difesa*, jornal catholico, e tratou activamente das congregações religiosas, e das obras da sua diocese, adquirindo uma reputação de moderação, de esclarecida prudencia, e de firmeza que lhe grangearam o amor e a admiração popular.

Foi n'esta cidade que a 20 de julho de 1903, veiu surprehendel-o a noticia da morte de Leão XIII.

O conclave — O pontifice.

Mgr. Sarto partiu para Roma. Entrou no Conclave com a firme persuasão de sahir como tinha entrado. Tirara bilhete de ida e volta, e ao despedir-se dos alumnos do Seminario Lombardo, disse:

— «Vamos prender alguem no Vaticano e fechal-o a sete chaves.»

A Providencia, porém, tinha marcado os seus designios e, a 4 d'agosto de 1903, dia de S. Domingos, Mgr. José Sarto, cardinal de Veneza, era eleito bispo de Roma e Soberano Pontífice, tomava o nome de Pio X, e era a 8 do mesmo mez solemneamente coroado em S. Pedro.

Fallar do grande Pontífice que acaba de fallecer, não é facil tarefa, sobretudo n'uma revista.

Grande Pontífice, sim! Sem espectacularidades, mesmo sem notaveis triumphos na ordem politica externa, o pontificado que agora termina, foi extraordinariamente grande nos resultados que deixa á christandade. Bourget, quando fallava de Pio X, chamava-lhe *o grande e o santo*, e um notabilissimo pensador seu compatriota escreveu que, ao vermos a série de reformas que Pio X estava impondo, vinha-nos á memoria os grandes pontificados da Edade Media!

A Encyclica sobre o modernismo é o monumento mais vigoroso do pensamento catholico nos ultimos tempos. As sabias direcções politicas aos francezes, revelam um altissimo senso de soberano e de Pastor.

Os decretos sobre a communhão, são maravilhas de fé. A coordenação do direito canonico, as reformas do Sacro Collegio e das Congregações, demonstram um poderoso organisador. E por ultimo o cyclo fulgurante dos Congressos Eucharisticos, são a aureola de luz que, mesmo dentro do tumulo, circumdará o oiro da thiara do Pontífice!

Ignis ardens!

E como é de vêr que á morte de Pio X, a fé renasce mais ardente nas altas cumeiras do pensamento moderno e se reaviva na alma doce do povo!...

Grande Papa! Choramos a sua morte. Em Riese, o humilde seminarista, dava ao povo, com a mansidão da sua palavra, a paz dos corações. Em Roma, um Papa fallece, agora, quando a Europa é um inferno, depois de lhe gritar com a força de um representante de Deus, o verbo da paz!

Deante do seu tumulo, coberta a nossa frente com o véo do luto, nos ajoelhamos.

Ámanhã a Historia curvar-se-ha deante do Papa da Eucharistia!

A APOLOGETICA

Sua definição—Seus diversos nomes

Uma das questões mais agitadas no campo catholico nos ultimos annos é por sem duvida a que diz respeito á Apologetica. As obras publicadas sobre esta materia quasi que formam por si uma bibliotheca. O desenvolvimento com que se tem tratado esta disciplina, as diversas tentativas feitas para determinar o seu objecto formal, e tornar por isso mesmo possivel a sua definição, os multiplos caminhos apontados para mostrar a racionalidade da fé, fazem-nos lembrar as discussões dos periodos mais brilhantes da theologia, mostrando ao mesmo tempo a intensidade da vida intellectual da Egreja. Um dos melhores theologos modernos,¹ cuja obra principal tenho presente, tem dedicado quasi toda a sua actividade a tão momentosa questão: o seu livro, por declaração expressa do auctor, representa o fructo de mais de trinta annos de estudo. E não imaginem os leitores que exauriu a materia e pôs o remate a esta sciencia, dizendo a ultima palavra. Não. As suas afirmações estão ainda muito longe de serem unanimemente accites. Á propria definição de Apologetica foram feitos reparos.

E se n'um ponto, sobre o qual á primeira vista parece não devia haver duas opiniões, não ha accordo, será facil calcular a divergencia em pontos obscuros. Poulpiquet, confrade em religião do precedente, publicou tambem um trabalho sobre o mesmo assumpto que merece ser lido por todas as pessoas que se interessam por estas questões. Tem por titulo: *L'objet integral de l'Apologétique*.

Apesar de tratar da mesma materia, encara-a em muitos pontos de modo bastante differente, desenvolvendo certos aspectos apenas esboçados na obra de Gardeil, e tratando d'algumas questões que Gardeil não discute. Sobre estas duas obras publicaram um estudo critico os *Recherches de science religieuse* no n.º de Julho-Outubro de 1913, estudo que, embora não tenha a amplitude das

¹ Gardeil. La crédibilité et l'Apologétique.

obras examinadas, não se lê sem proveito, visto que faz salientar as partes vulneráveis das obras examinadas, e apresenta a solução do problema de harmonia com a doutrina geralmente ensinada pelos jesuitas relativamente ao acto de fé. O *Dictionnaire de Théologie Catholique* dedica também muitas columnas á mesma questão, cuja importancia deriva do fim proprio da Apologetica, que é a demonstração da racionabilidade da fé, que os incredulos por todos os modos procuram excluir.

Na idade media, em que a fé dominava os povos, esta disciplina, a Apologetica, não podia ter grande importancia. Havia é verdade, os judeus e os musulmanos que combatiam a nossa crença; mas uns e outros viviam também de fé. A revelação constituia a essencia das duas religiões. A discussão tinha portanto de ser restricta a questões muito mais determinadas. Contra os judeus a polemica reduzia-se a provar o caracter messianico de Jesus Christo, servindo-se das prophcias contidas nos livros admittidos como inspirados pelos proprios judeus. Aos philosophos musulmanos era preciso provar a verdade do christianismo, mas não era preciso provar-lhes nem a existencia de Deus, nem a ordem sobrenatural, que elles admittiam. Hoje, pelo contrario, os adversarios, pelo menos os mais perigosos, estão em condições muito diferentes. A possibilidade da revelação e do milagre, pelo qual se conhece o fasto da revelação, é precisamente o que nos contestam. Não é por isso de admirar que a Apologetica tenha tomado nos ultimos tempos tanta importancia, e também não é de admirar se na sua systematização os theologos se encontram por vezes em desaccordo. Isto dá-se em todas as sciencias mal formadas, e até em sciencias já formadas, nas quaes a par de conclusões certas e indubitaveis apparecem proposições sujeitas a contestações.

*
• •

Apologetica e Apologia. Antes de expormos as divergencias dos theologos sobre a natureza e extensão da apologetica, parece-nos conveniente indicar uma distincção por igual admittida de todos, e vem a ser a distincção entre a Apologetica e a Apologia. Moison-neuve explica assim a differença das duas disciplinas: A apologia é espirital e particular, tem por objecto um mysterio, como a

SS. Trindade; um dogma, como a infallibilidade pontificia; uma lei disciplinar, o celibato, por exemplo; um santo, um papa, cuja memoria defende. E ainda quando tem em vista provar a verdade da fé, pede ás circumstancias do tempo e do lugar, em que apparece, os seus processos, argumentos, e ás vezes o seu successo. Frequentes vezes não possui um valor absoluto; e como, segundo a justa observação de Aristoteles, não ha sciencia do particular, pode ser sem duvida uma defeza sabia, mas não é uma verdadeira sciencia. A apologetica, ao contrario, estuda os factos principaes, as verdades fundamentaes; traça as grandes linhas, precisa o sentido, e o alcance dos principios que a illuminam, das leis que as dirigem, dos materiaes que emprega. Pode em summa considerar-se uma Apologia geral. A generalidade do aspecto sobre o qual se encara a prova da verdade catholica, eis o elemento formal da Apologetica. — Enquanto se não desce a particularidades, a harmonia existe, mas esta desaparece tanto que se pretende determinar mais o objecto de Apologetica.

*

* *

Para se perceber a razão de ser desta disciplina não será fóra de proposito considerar a necessidade e fim da Apologetica. A theologia partindo dos principios da fé, das verdades reveladas, por um trabalho logico deduz d'estes principios conclusões que por sua vez, servem de base a outras deducções e assim successivamente. Formase deste modo um systema scientifico em cuja construcção a razão illuminada pela fé foi o principal agente. Suppõe por isso a theologia a fé; mas como as verdades de fé não são á guisa de axiomas, cuja verdade salta aos olhos do espirito, mal se considera o conteúdo dos mesmos, é indispensavel que previamente o homem possa produzir este acto. Por sua vez a fé, sendo o assentimento prestado pela intelligencia a uma proposição, não por causa da evidencia extrinseca, o que constituiria a sciencia, mas sim por causa da auctoridade de Deus revelante, suppõe, sob pena de ser um acto indigno d'um ser racional, o conhecimento do facto da Revelação divina da mesma verdade. Succede na fé divina exactamente o mesmo que se dá na fé humana. E qual é a psychologia da fé humana? Para uma pessoa acceitar uma asserção feita por outra pessoa é preciso

que se conheça de antemão a auctoridade da testemunha, que consiste na sua sciencia e na sua probidade, e a applicação d'essa auctoridade a uma proposição determinada. Só então está garantida a verdade d'essa proposição. Só então posso prudentemente acreditar na palavra de outrem. Se a pessoa, que falla não tem a sciencia competente, não posso nem devo acceitar o seu testemunho, porque podia ter-se enganado. Se a testemunha tem conhecimento do facto mas a sua probidade não me é conhecida, ainda não posso acreditar, porque poderia querer enganar-me. Porem se a testemunda satisfaz ás duas condições, posso e devo acceitar as suas declarações, porque n'este caso a sua verdade está sufficientemente autenticada. Ora, o mesmo se dá na fé divina, á parte a maior firmeza de adhesão ao testemunho divino em razão da infinita auctoridade de Deus. Não basta porém saber que a testemunha é digna de credito, é ainda necessario saber que a sua auctoridade está applicada a uma determinada asserção. N'uma palavra é necessario saber que a pessoa, cuja auctoridade é para mim incontestavel, tenha realmente feito aquella affirmacão. Verificadas da parte da testemunha estas condições, julgo ser prudente, ser racional, acceitar as suas affirmacões precisamente por causa da sua auctoridade.

A este juizo dá-se o nome de juizo de credibilidade, a qual não é mais que a propriedade em virtude da qual uma determinada affirmacão é digna de ser acreditada, assim como a amabilidade é a qualidade pela qual uma coisa é digna de ser amada. Tal juizo pode expressar-se do seguinte modo: *Credibile est*. É natural que a este juizo succeda a fé, isto é, a acceitação da asserção feita por outrem. Pode até succeder que haja obrigação de acceitar a asserção, e então ha outro juizo: *credendum est*, deve-se acreditar. Assim como o *credibile est* exprime a credibilidade do testemunho, assim *credendum est* exprime a *credendidade* (*credentitas*, *credentité*) do mesmo, que á credibilidade acrescenta a noção de necessidade. Mais. A necessidade de crêr não é ainda crêr, assim como a necessidade de cumprir a lei, não é cumprir a mesma lei; d'ahi a necessidade d'um novo acto da parte da vontade, *imperium fidei*, a credibilidade imperativa. Temos assim no acto de fé as quatro *étapes*: a *credibilidade*, a *credendidade* ou *credibilidade necessitante*, o *imperio da fé* e principalmente a propria fé.

Esta analyse fá-la com mão de mestre Gardeil na obra citada, e foi preciso indicá-la para se comprehenderem as definições de Apologetica. Ora a credibilidade simples que faz com que a fé seja um *obsequium rationale*, um acto verdadeiramente humano, um acto digno d'um ser intelligente, não pertence á theologia propriamente dita prová-la, visto que esta tem a sua base na fé, impossivel emquanto a intelligencia não se persuadir de credibilidade do que se acredita. É pois mister que a theologia seja precedida de outra disciplina, que, sendo a preparação racional para a fé, pode, pelo menos n'um certo sentido que depois será explicado, chamar-se fundamento da theologia. Tal disciplina é precisamente a Apologetica, que tantas denominações tem recebido. Não deve, porem, esta disciplina descer a provar d'um modo especial a revelação d'este ou d'aquelle dogma em particular, pois isso iria de encontro á sua generalidade. O que ella considera é o que ha de commum a todos os dogmas, ou, e mais exactamente, considera alguns dogmas fundamentaes que justificam depois os outros dogmas.

As definições de Apologetica. Nada mais difficil que apresentar uma definição exacta, seja do que fôr. A razão é que não é facil exprimir em poucas palavras, a definição tem de ser em geral breve, a essencia d'uma questão em que são agitadas questões muito differentes, embora ordenadas ao mesmo fim e encaras sob o mesmo aspecto. E é por isso que em materia de definições ha quasi sempre uma grande anarchia. Cada um tem a sua. A Apologetica não faz excepção. Na impossibilidade de as apresentar todas, escolheremos quatro, sendo tres modernas ao menos na expressão, e a outra tradicional. Seja a primeira a de Gardeil.

«A *Apologetica*, diz o illustre dominicano, *será a summa da credibilidade do dogma catholico, ou não haverá Apologetica.*

O dogma catholico, para usar da linguagem escolastica, constitue pois o objecto material d'esta sciencia. A sua credibilidade generica, o seu objecto formal, isto é, o aspecto sob o qual o dogma é considerado. Tem esta definição a vantagem de exprimir n'uma palavra, a credibilidade, o objecto e fim da Apologetica.

Acceitando-se esta definição, não se pode dizer que a Apolo-

getica não tenha um aspecto bem determinado. E tal determinação parece ter sido a preocupação principal de Gardeil. Na verdade, é impossível organizar uma sciencia sem primeiro se conhecer com precisão o seu objecto. Por falta d'esta precisão condemna o mesmo auctor, quasi todos, senão todas as Apologeticas publicadas até hoje. Veremos depois as censuras. Agora negamos a justificação da definição dada por Gardeil.

« A Apologetica, dissemos, distingue-se das apologias pela generalidade do aspecto sob o qual considera a prova da verdade catholica. Deixa que as Apologias e a Theologia especial se occupem, cada uma a seu modo, do que os dogmas especiaes têm de particular. Ora este aspecto geral sob o qual os dogmas são accessiveis á razão humana, não é precisa e unicamente a credibilidade? » E transcreve de S. Thomás a passagem seguinte: « *O objecto da fé pode ser considerado de dois modos: ou no que o especifica; ou então em geral, sob a razão commum de crível, e assim é visto racionalmente por aquelle que crê. Porque não acreditaria, se não visse que devia crêr, ou por causa dos signaes, ou por outro qualquer motivo.* » E mais abaixo acrescenta: « Que é com effeito a credibilidade? É a propriedade que possui o dogma catholico por causa do testemunho divino. Ora o testemunho divino é uniforme, qualquer que sejam os seus orgãos: e o resultante d'este testemunho, sempre e absolutamente veridico, não pode ser, no dogma senão uma especie de verdade caracterisada e que é impossivel de confundir com outras especies de verdade. Se tal é a credibilidade, a Apologetica acceitando-a como objecto, torna-se ella propria uma doutrina especificamente distincta e definida.

Unidade formal do seu objecto e universalidade do seu ponto de vista em comparação com o conjuncto do dogma catholico, eis o que a credibilidade offerece á Apologetica ». Tal definição, que em virtude da sua generalidade pode ser acceite por quantos acceitam a religião christã, qualquer que seja a sua forma, não merece as sympathias de muitos. O proprio factio de poder ser acceite em todas as formas de christianismo a citada definição é invocada para contestar a sua exactidão. Porém, sem razão. Porventura não podem os philosophos estarem de accordo n'uma definição de philosophia e divergirem depois na solução das questões mais fundamentaes de philosophia? Se esta divergencia não é uma razão nem para pôr em duvida o bem fundado da definição nem para ti-

rar á philosophia a sua qualidade de sciencia, *á pari* a differença de opiniões a respeito da revelação e do modo de a propagar, não é motivo sufficiente para se suspeitar da definição de Apologetica. É preciso todavia reconhecer que posta no membro d'uma equação o systema das questões tratadas na Apologetica e no outro, a definição d'esta disciplina, não é facil, pelo menos á primeira vista, ver a sua equivalencia. Tambem não é menos verdade que n'uma definição de Apologetica poderia entrar o elemento do magisterio da Egreja, echo do magisterio divino, visto que, mesmo no plano Apologetico ideado por Gardeil, a these do magisterio ecclesiastico é uma das principaes, a principal até depois da demonstração da revelação divina feita por Jesus Christo. Pode comtudo allegar-se a favor da definição e em resposta a estas observações, o character synthetico de toda a definição.

*
* * *

É tempo de examinarmos outras definições. Poulpiquet, considerando incompleta a definição precedente, substitue-a por esta outra: *A Apologetica é demonstração da credibilidade e da appetibilidade do dogma.* A definição de Gardeil accrescenta apenas a appetibilidade do dogma. Está a presente definição de harmonia com as ideias expendidas pelo mesmo auctor sobre o modo de preparar a fé na alma. Sendo, diz elle, a Apologetica uma preparação para a fé, e concorrendo para o acto de fé a intelligencia e a vontade, ha razão para fallar d'uma dupla preparação, á qual devem corresponder duas Apologeticas uma externa e outra interna, cuja união formará a *Apologetica integral.*

A Apologetica externa estabelece por meio dos factos divinos, dos milagres e das prophcias, a autenticidade da revelação, a verdade do dogma: a interna mostra a concordancia das verdades reveladas com as exigencias e aspirações da alma, que só a fé christã pode satisfazer.

A primeira tem por fim justificar a fé á face da razão especulativa: a segunda justifica-a deante da razão pratica.

Aquella invoca as razões de espirito: esta as razões do coração. A ultima, com prejuizo da primeira, tem sido tentada por todos os sequazes do methodo da immanencia, que constitue o fundo

do modernismo. Os antigos theologos attendiam mais aos argumentos que se costumam apresentar na Apologetica externa, que se pode por isso chamar tradicional. — Que pensar da definição de Poulpiquet e da sua dupla apologetica?

A questão versa mais sobre palavras que sobre ideias, nas quaes parece não haver divergencia. De facto ninguem pode contestar a importancia das boas disposições da alma para se acceitar a fé. A alma simples, virtuosa, verdadeiramente apaixonada pela verdade, está naturalmente disposta a fazer-se christã. É a alma *naturaliter christiana*, na linguagem lapidar de Tertulliano.

Ao invéz, as paixões viciosas, d'um modo especial, a soberba e o orgulho constituiram em todos os tempos obstaculos quasi insuperaveis á acceitação da fé. A paixão cega o espirito e é como que uma nuvem que impede a luz de chegar até á alma. É o que a experiencia de todos os dias prova com toda a evidencia, e que costumamos exprimir com os classicos aphorismos: *quod volumus, facile credimus: quod nolumus difficile credimus*. Pelo que preparar a vontade para a virtude é preparar o caminho para a fé! Porem é esta uma preparação remota, que pertence antes á moral que á Apologetica. É tambem fóra de duvida que a aptidão, da religião christã para preencher o vasio da nossa alma, anhelando sempre pelo infinito, para satisfazer as aspirações mais nobres e as exigencias mais imperiosas da alma, a sua adaptabilidade a todos os tempos, a todos os povos, a todas as civilizações, a todas as classes de pessoas, são qualidades aproveitaveis em materia de apologetica, porque quando não constituam um argumento apologetico da verdade do christianismo, são ao menos uma confirmação das outras provas em que assenta a nossa crença. N'isto não pode haver desharmonia alguma. O que por isso, pode merecer reparos é a terminologia, que não a doutrina. E posta a questão n'este pé parece haver sobejas razões para não acceitar a definição de Apologetica, assim como a dupla Apologetica, ideadas por Poulpiquet.

Principiando pela definição, deve considerar-se excessiva a palavra *appetibilidade*, e por isso mesmo deve dar-se a preferencia á definição de Gardeil. Na verdade a appetibilidade do dogma, emquanto importa uma qualidade distincta da verdade do mesmo, não se exige para a fé. Uma vez provado com certeza o facto da revelação, não pode a razão deixar de julgar prudente

o assentimento da fé, que a vontade moralmente bem disposta sob a moção da graça impera.

Ora a bôa disposição da vontade para o bem não pertence á Apologetica prepará-la; e a necessidade da moção da graça, para o acto de fé seja meritorio, não deve igualmente prová-la a Apologetica, visto que é proprio d'esta preparar a fé sem a qual não poderemos conhecer a necessidade da graça. De mais, é possível uma fé meramente scientifica, em que não entra a liberdade, fé que pode servir de base á sciencia theologica. Seria uma fé de logicos e não de crentes, seria a fé semelhante á dos demonios que acreditam em razão da evidencia extrinseca dos dogmas.

A verdade, quando se apresenta claramente ao espirito, temos de a acceitar, seja ou não util para nós. A utilidade ou não utilidade exerce grande influxo na investigação da verdade, mas conhecida esta, a sua influencia no acceitar a verdade é minima para não dizer nulla. Subscreevo por isso sem restricção alguma estas palavras de Gardeil: « *a preparação moral pertence ás disciplinas moraes complementares. As influencias divinas não dependem senão de Deus. Pertence á theologia estudá-las quando descreve a genese do acto de fé...* A apologetica scientifica e a theologia apologetica, doutrinas especulativas, decompõem, no processo concreto dos antecedentes do acto de fé, o que **se refere sómente á intelligencia, o elemento prova** ».

Igualmente desnecessaria e arbitraria é a distincção da Apologetica em externa e interna. « *O nome de apologetica externa, diz justamente o auctor do artigo citado das Recherches, suggerer invencivelmente a ideia, que a prova especulativa da credibilidade, em direito assenta unicamente em argumentos tirados dos phenomenos extêriores, como se a concordancia da revelação com as tendencias da alma, as reacções affectivas que desperta a vida christã e outras considerações d'esta natureza não pudessem ser e não sejam de facto invocadas a dar á verdade da revelação evangelica um suffragio, senão, peremptorio ao menos muito grave. As qualificações de externa e interna são pois criticaveis, pois que o seu emprego importa, no pensamento d'aquelle que as emprega, restricções que a natureza das coisas não só não impõe, mas até condemna; uma démonstração scientifica adequada deve basear-se em todo o real* ».

As razões apresentadas na apologetica interna provam igual-

mente a credibilidade especulativa, são, na linguagem de Gardeil, tão *elemento prova*, como as que Poulpiquet analysa na chamada apologetica externa, com a differença de que são menos apodíticas. Se esta distincção se admittisse, podiamos tambem fallar d'uma theologia externa e interna, visto que para provarmos a existencia de Deus podemos servir-nos do argumento tirado do mundo universal e de argumentos tirados da consideração do vosso proprio *eu*.

Henry Pinard, o auctor do artigo das *Recherches*, depois de criticar as duas definições, apresenta outra que elle procura a todo o transe justificar. Define a Apologetica: *a justificação racional do dever de crer*. Gardeil define a Apologetica pela *credibilidade*, Pinard pela *credendidade*, necessidade de crer. É por isso mais complexa, pois importa a credibilidade; se não fosse crível não podia haver obrigação de crer, e accrescenta-lhe a obrigação de crer, obrigação que directamente exprime a definição. « *A Apologetica deve justificar a fé tal como ella se propõe. Ora ella apresenta-se não só como possível, mas como obrigatoria em virtude d'um preceito explicito. Por isso logicamente depois de ter estabelecido os direitos de Jesus Christo ou da Igreja a serem acreditadas, falta provar que elles exigem, em nome de Deus, o acto de fé. Esta demonstração não é um appendice que se pode livremente admittir ou rejeitar* ». Sem embargos d'esta razão, não me agrada menos a definição de Gardeil. A razão da minha preferencia é esta. Uma disciplina deve definir-se pelo que n'ella ha de mais importante. Ora a credibilidade, e não a credendade está n'estas condições. Na verdade quasi todas as theses da Apologia tendem a mostrar a racionalidade da fé.

Feito isto, uma simples these, e de facil demonstração, basta para provar a necessidade moral de acceitar a revelação.

O que importa é saber se Deus fallou; conhecido este facto, é manifesto que devemos acceitar todas as verdades especulativas e cumprir os preceitos que elle quiz impor-nos. Mas o conhecimento do conteudo d'esta revelação já pertence á theologia especial.

(*Continua*).

AGOSTINHO DE SOUSA

Professor no Seminario Conciliar de Braga.

A Sebenta d'um caloiro

(Anotações a certa passagem de um livro do Exe.^{mo} Snr. Dr. Marnoco e Souza, Professor na Universidade de Coimbra).

II

1 — D. Antonio da Costa escreveu algures: ¹ *a mulher não se deixa nunca vencer. Se a respeitam e estimam, derrama thesouros de sacrificios e de felicidade. Se a depreciam e opprimem, corrompe-se e corrompe.* A historia da antiguidade, que assentava sobre o desprezo da mulher, é a confirmação d'esta profunda verdade. A historia do Christianismo que tão alto elevou a dignidade moral da mulher, é a sua contraprova irrefutavel. Um altissimo espirito contemporaneo ² resumiu n'uma formula perfeita a lição de dezenove seculos de historia christã: *à mesure que le Christianisme prenait une possession plus pleine de la société, la société faisait une place plus haute à la femme, et l'influence de la femme rendait l'homme meilleur.*

¿Como é, pois, possivel que, em contrario da intima afinidade, no anterior capitulo analysada, entre a rehabilitação feminina e a doutrina christã, e d'esta brilhante synthese historica, inegavelmente verdadeira, o Snr. Dr. Marnoco e Souza venha afirmar que *os Padres da Igreja não consideram a mulher senão como um instrumento de peccado e de tentação?*! Se o Christianismo chamava a mulher a uma tão elevada missão moral, ¿como é verosimil que os Padres da Igreja, os que melhor interpretaram essa purissima doutrina, a considerassem *tão somente* como um instrumento de perversão — aquella mesma que o Christianismo

¹ *Os tres Mundos*, pag. 222.

² E. Lamy, *La Femme de Demain*, pag. 50.

aconselhava a passar na terra uma vida angelica, de virtude heroica?

Não é verosimil.

Trata-se, porém, de uma questão de facto; e, apesar da presumpção contraria á these do Snr. Dr. Marnoco e Souza, nós devemos demonstrar que *nem é exacto*.

2 — Ha duas especies de mulheres: a que salva e a que perde. Já o disse um aprimorado lavrador de prosa: *a mulher é anjo ou demonio, pode salvar ou perder*. Oh! Como Verlaine as conhecia a ambas:

Beauté des femmes, leur faiblesse, et ces mains pâles
Qui font souvent le bien et peuvent tout le mal!...

A linguagem humana toma accentos differentes consoante se refere a uma ou a outra, como n'aquelles versos de João de Deus:

Deus abaixo das estrellas
Fez coisas de endoidecer;
Creou flores as mais bellas
E a flor mais bella — a mulher.

A Escriptura Sagrada
Lá diz que uma mulher má
Não ha fera, não ha nada
Peor no mundo: e não ha!

3 — *A mulher que perde...* D'ella disse S. João Crysostomo que era: *a guerra civil a dentro de muros, laço para jovens, commercio inutil, negocio damnoso gerador de morte tanto para o que compra como para o que vende, rêde armada á mocidade, armadilha dissimulada, vaso de lascivia que se vende a si mesmo e redux o comprador á servidão, a peste respirando por todos os poros, a morte passeando, peste dos cidadãos, a destruição da honestidade, escolho das fortunas, ruina dos herdeiros!*...

Os antigos escriptores classicos insultaram-na, sem repararem que fôra o egoismo masculino, o elemento basico da velha civilização, que as arrastara á fatal queda, d'onde não mais ninguem

se ergue... A differença entre elles e os Padres da Igreja está em que estes tiveram *só* para a mulher que perde, as palavras vehementes de indignação que aquelles tiveram para todas.

Os auctores christãos não tem poupado ironicos remoquees a essa, á mulher que perde; e, se os julgassemos apenas por essas passagens em que rebrilha algo de malicia, seriamos induzidos em erro sobre a encendrada admiração que elles votam á mulher que salva. Ha porventura escriptores modernos que desconheceram a mulher que salva, e as englobaram a todas no grupo das que perdem. Mas, alem da velha sentença de Cicero: *non est aliquod tam absurdum quod non dicatur ab aliquo philosophorum*, nenhum d'esses defensores do paradoxo decerto era fiel da Igreja.

... mulher má

Não ha fera, não ha nada

Peor no mundo: e não ha!

Alguem a poude definir com graça: *uma ave que muda muitas vezes de plumagem, por dia*. E eis uma das definições mais inoffensivas. Se fossem todas assim!

O mal que ella tem feito! A galeria dessas mulheres de perdição é bem cheia de figuras notaveis, « perfidias como o mar », segundo a phrase bem conhecida do Hamlet, flores de carne de perfume tentador e mortifero como aquellas magicas plantas orientaes a cuja sombra se morre...

A mulher que perde é, por exemplo, a languida Salomé, a serpentina seducção do peccado, pedindo a cabeça do Baptista — a linda Salomé da linda poesia de Eugenio de Castro, á qual dizia uma corrupta admiradora:

Ninguem te vence, flor, nas danças voluptuosas!

Ora altiva, ora languida, ora inquieta,

Traçando no ar gestos macios como rosas,

E's navio, serpente e borboleta!

Cheios de garbo e aroma,

Teus movimentos são lascivos como vagas;

Ninguem te vence, flor, quando dançando, embriagas:

Nem mesmo Julia, imperatriz de Roma!

E' a rainha da graça e do mal, D. Leonor Telles, a gentil *flor alta* dos chronistas, que Fernão Lopes, n'uma linguagem maravilhosas, disse que fora *lavrador de Venus e creada em sua corte*.

São tantas!

A essas é que era dizer com Castilho, algures:

Raça infame de viboras dolosas
 Pudesse uma só nau conte-las todas
 E o piloto fôsse eu... Triumpbo eterno!

4— *A mulher que salva...* A Escriptura Sagrada exalta o seu valor e diz-lhe que os seus filhos a hão de proclamar *bem aventurada*. As suas obras são o seu melhor louvor. Será sempre louvada — *ipsa laudabitur*.

E pensadores illustres, seguindo a Biblia, tem rendido á sua virtude a homenagem entusiastica da sua admiração. — Já o rhetorico, pagão Libanio prestava á Mulher Christã, na pessoa da admiravel Anthusa, mãe de S. João Crysostomo, aquelle eloquentissimo elogio: *como são admiraveis as mulheres christãs!* E o grande propheta da historia, José de Maistre, cujas ideias os auctores da moda, mestres de philosophia politica, restauram (mas em peor francez), d'ella disse uma phrase immortal: *Le salut commence par une Femme, annoncée depuis l'origine des choses. Dans toute l'histoire évangélique, les femmes jouent un rôle très remarquable, et dans toutes les conquêtes du Christianisme, faites tant sur les individus que sur les nations, on voit toujours figurer une femme.*

A historia está cheia d'ella: mas em vez de figurar nos sanguinosos registos das epopeias guerreiras, ou nas sáfaras e orgulhosas labutas intellectuaes, ella apparece desarmada e pura e bella a fazer o bem quasi sem o saber, ingenuamente, mansamente... Ao contrario do homem que tantas vezes se tornou grande matando, ella tornou-se sublime morrendo — morrendo a perdoar e a resar. O homem firmou o seu poder dominando: e ella, sorrindo e amando, conquistou o homem. Deixando-se vencer, venceu-o. E' bem certo: *a mulhêr, a sorrir, governa o mundo, sem que elle o perceba.*

Em tudo que ha de mais bello e nobre na historia christã,

vê-se sempre apparecer a figura d'ella : na caridade, no sacrificio, na civilização, na virtude, no martyrio... A christianização da Europa, isto é, a conquista para a civilização dos povos barbaros, é por excellencia uma obra feminina. Ella está em toda a parte — onde o bem se pratica. E o que em nós mesmos ha de melhor não é obra d'ella ?

A minha mãe faltou-me, era eu pequenino.
 Mas da sua piedade o fulgor diamantino
 Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,
 Como junto dum leão um sorriso divino,
 Como sobre uma forca um ramo d'oliveira.

5 — Ha duas especies de mulheres : a mulher que *salva* e a mulher que *perde*. Decerto que ninguem fallará do mesmo modo das duas, e tanto mais rigorosamente o homem fallará da mulher que perde quanto mais estimar a mulher que salva. Porque muito alto põe o seu ideal de mulher, é que a sua linguagem é dura quando ella o põe muito baixo. Não pode indignar-se a valer contra a mulher má quem nunca se habituou a considerar a mulher boa.

Uma linguagem severa com os defeitos da mulher pode bem ser o signal de uma desinteressada sollicitude por ella, ao passo que uma linguagemlouvaminheira que lhe lisongie as fraquezas é muitas vezes a voz dissimulada do egoismo masculino tentando corrompe-la. Quem disse a uma mulher palavras mais ardentes que Fausto a Margarida ?

« . . . mas por fé procura adivinhar
 o infinito que encerra esta palavra : amar !
 Amo-te, amo-te. »

Oh ! não tardou muito que a candida, lograda Margarida, pobre lyrio desfolhado, acordasse d'aquelle engano « lêdo e cego », derramando a sua almã em pranto sublime — finalmente desilludida.

O' Virgem dolorosa,
 inclina á desditosa
 o teu benigno olhar !

Só tu, com sete espadas,
no coração cravadas,
sabes o que é penar;

tu sim, que viste afflicta
pender, ó mãe bemdicta,
o filho teu na cruz,
e alçaste, com dois rios,
aos ceus teus olhos pios,
chamando em vão Jesus.

Da dôr que me lacera
mortal nenhum pudéra
sondar a profundez.
O que este peito chora,
treme, receia, implora,
só tu, Senhora, o vês.

Que dôr! Nos sonhos cevo-a;
corro a fugir-lhe, levo-a;
que dôr, oh mãe, que dôr!
Sozinha a ti me abraço,
e em pranto me desfaço,
mercê! perdão! favor!

Antes que a aurora assome,
já o mal que me consomme
o somno me quebrou;
sentada já no leito
regando afflicta o peito
co'as lagrimas estou.

Quando hoje abro a janella,
para dos vasos d'ella
trazer-te um ramo aqui,
e a vejo apedrejada...
co'o o choro suffocada,
sem luz no chão cai.

O' Virgem dolorosa
 inclina á desditosa
 o teu benigno olhar.
 Só tu com sete espadas
 no coração cravadas
 sabes o que é penar.

A linguagem inflammada do Fausto era um meio de corrupção. A linguagem severa é então a de quem lhe não adula as paixões por d'ellas nada querer — quem quer a mulher dignificada, e não apenas um *bello animal*. Tal a dos padres da Igreja.

6—O critico que comprehenda as responsabilidades da sua difficil missão, (porque ha com pretensões de criticos, como notara alguém de auctoridade, Brunetière, a legião enorme dos tagarelas) se quizer proceder com sciencia e consciencia, tem que averiguar a qual das duas especies de mulheres: á que salva ou á que perde?, se referem as palavras severas tão pacientemente espiolhadas nas obras dos Padres da Igreja. Os professores de Direito da Universidade de Coimbra, collegas do Snr. Dr. Marnoco e Souza, ensinam aos alumnos qualquer coisa a que chamam regras de interpretação... Naturalmente são só para uso de discipulos...

E provado que fosse que as phrases que o Snr. Dr. Marnoco cita, e outras aparentemente tão desfavoraveis á mulher, devessem entender-se n'um sentido absoluto, ainda assim a causa não estaria ganha. — Tarefa difficil de mais para ser resolvida pelo methodo simplista do professor conimbricense é a de perscrutar o pensamento intimo de um auctor. Ha uma phrase de Gustavo Le Bon que é opportuno recordar aqui: *o homem de uma occasião não é o de todas*. Não se pode julgar um homem por uma phrase unica colhida subrepticamente do meio de outras que a esclarecem e limitam; ou proferida n'um momento de exaltação oratoria, quando o zelo ardente do moralista caricaturava os dissolutos costumes do seu tempo.

É preciso fallar com elle no convivio longo das suas obras, corrigindo com outras o exagero de certas phrases ou completando-as, e surprehende-lo na sua vida intima, quando a sua alma se não esconde já, por não temer os indiscretos olhares dos extra-

nhos: só então o critico poderá com certa segurança exprimir o pensamento de um auctor.

Mas isso é algo mais complexo que copiar de auctores de responsabilidade diversa duas ou tres phrases, debitada á conta de Padres de Igreja que se não leu, e atirar com ellas á cara do leitor, concluindo cathedricamente: *Os Padres da Igreja não consideram a mulher senão como um instrumento de peccado e de tentação!*

7 — O Snr. Dr. Marnoco e Souza dispensou-se de ouvir, como era elementar dever de lealdade e preceito de methodo scientifico, o depoimento de S. Paulo e d'aquelles Padres que tão severamente julgou. Decididamente, foi definitiva a quebra de relações entre os Padres da Igreja e o Snr. Dr. Marnoco, dès que este professor deixou de ser aprendiz de padre... Aliaz, a todo o passo teria de reconhecer que é *inexacta* a sua precipite affirmação.

S. Paulo e os Santos Padres tem pela mulher uma sollicitude toda *nova*. — Para que o corpo se não torne inimigo da alma, elles cercam aquelle, por assim dizer, de uma zona defesa, onde não possa penetrar a serpente sempre tentadora do peccado. Quem que ahi só floresça toda a casta de virtudes. O ascetismo, que o Snr. Dr. Marnoco tão mal comprehendeu, mas que nenhum psychologo deixará de encarar como a mais poderosa mola da reabilitação feminina; o ascetismo, por meio do qual a mulher affirmou ao egoismo do homem, que n'ella só via um instrumento de prazer, quanto podia na esphera do bem, foi a necessaria condição da plena revelação da alma feminina. Por isso os Padres algumas vezes foram rudes quanto aos encantos da mulher: foi por causa d'esses encantos, mais vezes de perdição que de salvação, que ella se perdera. As phrases que o Snr. Dr. Marnoco cita, são gritos de alma contra a mulher que perde — a maior inimiga da reabilitação feminina.

Mas como elles consideram, estimam e amam a mulher que salva! ; Quem até hoje mais alto poz o ideal feminino? Quem mais confiou na virtude da mulher — n'essa sua sublime capacidade dos grandes heroismos e sacrificios supremos? Quem mais constantemente lhe fallou a linguagem nobre e forte das summas verdades? Quem mais sinceramente a honrou, e porfiadamente a defendeu?

8 — E senão vejamos:

S. Paulo escreveu effectivamente aos Corinthios¹: *Non enim vir ex muliere est, sed mulier ex viro. Etenim non est creatus vir propter mulierem, sed mulier propter virum.* O distincto mestre, mas mediocre pensador, dando fé a traducções baratas, traduziu logo assim: *o homem não era da mulher, mas a mulher do homem e o homem não foi creado para a mulher, mas sim a mulher para o homem.*

Posto que o Snr. Dr. Marnoco tenha dado de mão á sua primeira educação ecclesiastica, não deveria indispor-se com a mais elementar grammatica latina, cujo conhecimento ainda os governos mais liberaes do mundo exigem dos respectivos escolares, e em Portugal é necessario preparatorio para a matricula em qualquer das Universidades... Ora, qualquer dictionario ou grammatica da lingua latina ensina que a particula *ex* significa uma relação de *origem* ou *materia*, nunca podendo empregar-se para designar o possuidor, que em latim se exprime por um nome em genitivo, ou em dativo se o verbo é *esse*. De modo que está errada a traducção do Snr. Dr. Marnoco, professor da Universidade, a qual exprime uma relação de posse muito adrede calumniosa da doutrina de S. Paulo. A traducção rigorosa da phrase de escandalo deve exprimir-se, antes assim: *não foi feito o varão da mulher, mas a mulher do varão.*

Este pensamento não é, afinal, mais que um ligeiro commentario ao ensinamento do *Genesis*² sobre a creação da mulher — ensinamento que admiravelmente desenvolveu S. Thomaz d'Aquino n'uma bellissima passagem: *A formação da mulher de uma costella do homem, diz elle³, significa maravilhosamente que entre a mulher e o homem deve haver uma estreita sociedade. A mulher nem deve dominar sobre o homem, e por isso não foi formada da*

¹ I Ad. Cor. xi, 8 e 9.

² Gen. ii, 18 e ss.

³ Th. d'Aquino, *Summa*, i, 198 — *Conueniens fuit mulierem formari de costa viri, ad significandum, quod inter virum et mulierem debet esse socialis conjunctio. Neque enim mulier debet dominari in virum, et ideo non est formata de capite; nec despici debet a viro tanquam seruiliter subjecta, et ideo non est formata de pedibus.*

cabeça; nem deve ser desprezada pelo homem como se lhe fosse servilmente sujeita, e por isso não foi formada dos pés. Inspirado também na tocante narração bíblica, Milton escreveu estes lindos versos do *Paraíso perdido*, que o homem repetirá, enquanto a lingua humana fallar, á companheira da sua vida, a mulher:

Return fair Eve,
Whom fly'st thou? whom thou fly'st of him thou art
His Flesh, his Bone; to give thee being I lent
Out of my side to thee, nearest my Heart
Substantial Life, to have thee by my side
Henceforth an individual solace dear;
Part of my Soult I seek thee, anda thee claim
My other self...

Que ha ahi de deprimente para a mulher?

Insistir-se-ha no segundo versiculo citado: *não foi outrosim creado varão por causa da mulher, mas sim mulher por causa do homem.* Que ha nisso de incompativel com a dignidade da mulher? Compare-se com o lugar paralelo do *Genesis*:¹ *não é bom que o homem esteja só: façamos-lhe um auxiliar semelhante a elle;* poder-se-ha ainda insinuar o desprezo de S. Paulo pela mulher? Aquella encantadora passagem bíblica designa rapidamente todo o destino da mulher: nasceu para ser a companheira do homem. Não o domina nem é sua escrava, visto como ella é *semelhante a elle*: a sua missão é essencialmente *feminina*, isto é, de espalhar em torno d'elle o amor, e o bem, e a paz. Pois não é bom que o homem esteja só...

E para que duvidas não restassem de que tal passagem não devia interpretar-se no sentido de dominio, como o Snr. Dr. Mar-noco pretende, S. Paulo² completa logo o seu pensamento accres-centando, segundo a transladação em vulgar do Padre Antonio Pereira de Figueiredo: *Porque como a mulher foi tirada do va-rão, assim tambem o barão é concebido pela mulher: mas todas as coisas vem de Deus.*

¹ Gen. II, 18.

² 1 Ad. Cor. XI, 12—*Nam sicut mulier de viro, ita et vir per mu-lierem: omnia autem ex Deo.*

9 — Singular processo de interpretação do pensamento alheio, este de o dividir, refugar tudo o que n'elle é francamente contrario a uma acariciada these aprioristica e escolher só o que, desintegradamente do harmonioso conjuncto, pode dar a illusão de ser o que se quer que esse pensamento seja! — S. Paulo ensina abundantemente a *egualdade* moral dos sexos: *Já não ha nem judeu nem grego, nem livre nem escravo, nem homem nem mulher: sois todos um em Jesus Christo.*¹ E noutra passagem, o sublime genio, cujo olhar, no dizer de Hugo, accendia estrellas no ceu em que se fixava, insiste energicamente: *A mulher não é senhora do seu corpo, mas o marido. Semelhantemente, o marido não é senhor do seu corpo, mas a mulher.*² Que profunda revolução na condição da mulher consagra esta doutrina de S. Paulo! Nunca a reciprocidade de direitos conjugaes foi mais francamente professada. Não pode fallar-se de inferioridade onde se falla de egualdade de direitos.

¿ Poder-se-ha ainda affirmar que S. Paulo dizia que o homem não era da mulher, mas a mulher do homem?

Expliquemo-nos, mais ainda.

De facto, S. Paulo ensina a egualdade moral dos sexos. A mulher, porem, pode seguir dois destinos: ser virgem ou ser esposa. *Virgem*, ella liberta-se inteiramente do homem. Egualdade é então synonymo de independencia. *Esposa*, ella realisa com o homem um destino commum formando uma sociedade. E como em toda a sociedade é força que haja uma auctoridade, S. Paulo quer que a auctoridade na familia *seja representada* pelo homem. Antes de S. Paulo, já o quiz Deus quando especificou as aptidões diversas dos sexos. Essa auctoridade, porém não é baseada sobre a força, mas sobre o amor. *Homens amae as vossas Esposas...*³ Egualdade de sexos não quer então dizer absoluta independencia. Auctoridade do marido não quer dizer inferioridade da mulher, como auctoridade do chefe da nação não quer dizer inferioridade dos cidadãos. S. Paulo lançou apenas as bases eternas da Familia.

GONÇALVES CEREJEIRA

do Instituto de Coimbra.

¹ Ad. Gal., III, 28.

² Ad. Cor., VII, 4.

³ Ad. Eph., V, 25-33.

FASTOS PORTUGUEZES

POEMA EM DOZE LIVROS

PELO

VISCONDE DE CASTILHO

*À Memoria
do grande e infeliz poeta*

**P.^o Francisco Manoel do Nascimento
(FILINTO ELYSIO)**

*dedica respetosamente
esta modestissima tentativa métrica*

O AUCTOR.

Advertencia

Escreveu Ovidio os *Fastos*. ¿E que são os *Fastos*? o calendario romano posto em verso. Datas celebres do Povo-rei, quadros históricos, movimentos astronómicos, festas religiosas, solemnidades cortezãs, costumeiras plebeias, anedoctas minúsculas, tudo foi enramalhettato em hexâmetros e pentâmetros pelo prodigioso Poeta.

O academico francez Antonio Maria Lemierre compoz em 1779 um poema *Les Fastes* em analoga afinação; ainda o não conheço.

O nosso Filinto Elysio entreviu a realisação de identico plano em portuguez. A sua tentativa, cento e quarenta versos apenas, no tomo IV das Obras do Mestre, prova como se lhe descortinára o quadro. A invocação, a circumcisão, a entrada do anno novo, as boas-festas, o reboiço das carroagens encaminhando-se para o paço pela calçada da Ajuda, a sala dos Tudescos apinhada de cortezãos, as folias aldeans, tudo isso desliza no truncado cosmorama do grande linguista traductor do *Oberon*. Castilho, segundo lhe ouvi, tinha a maior pena de que Filinto abrisse mão de tal tarefa.

Veio uma vez ao meu espirito a meezma veleidade; atrevi-me; tentei o que quer que fosse.

Escolhi o estylo médio e temperado da conversação semi-classica no nossó opulento decasyllabo sólto, descendo ou subindo na clave quando o assumpto m'o impunha, e explorando, a meu sabor, o veio religioso, o histórico, e até o mythológico para a explicação dos signos do Zodiaco.

Difficillimo é o manejo do verso sólto, que a alguns se afigurará, talvez, desembargado e correntio como a prosa. Note-se: a libertação do jugo da rima, a partição facultativa dos periodos, tem de ser compensadas pela concisão, pela sobriedade das fórmulas grammaticaes, e, quanto possivel, pela melodia da prosódia. Ha que evitar as desinenencias monóchromas dos finaes, fugindo sempre não só aos consoantes, mas até aos toantes. Ha que variar

as pausas, mantendo-lhes musica, e esquivando a demasiada intrusão dos decasyllabos de 4.^a e 8.^a, muito lyricos certamente, mas aqui um tanto traiçoeiros.

Outro embaraço é dar em verso as datas e os factos vulgares. O que a prosa diz com facilidade, nem sempre o toléra a métrica sem descahir na chateza do registo; ha antinomia entre o estylo poetico, e o magro apontamento; entre o calor de uma descripção pittoresca, e as asserções frias e positivas dos annaes. Para esse ponto supplico a indulgencia dos entendidos.

Além da correccão do desenho, e do brilho da côr, que os práticos tanto admiram nos *Fastos* ovidianos, uma das mais invejaveis prendas d'aquelle erudito poema é a arte das transições entre assumpto e assumpto, o segrêdo das gradações o dos esfumados, ás vezes quasi imperceptiveis. É isso o escôlho de todos os que se atrevem com poemas didacticos. Por mim, fiz o que pude; mas o que desejava, não o consegui sempre.

E fiquei a menos de metade do caminho. O acontecimento mais triste e deshonoroso da História portugueza paralyso-me.

Dou a lume estes primeiros Livros como tentativa, como consulta. Só peço critica severa, que me encaminhe; qualquer censura, pública ou particular, será benvinda. Errar é humano; procurar emenda só pertence aos ânímos sinceros.

Lumiar, 18 de junho de 1910.

Epigraphe

.....
¿Por que não ha-de alguém emprender, e levar ao cabo, o que Filinto Elysio tentou, ainda que (fôrça é dize-lo) sem grande felicidade: um poema dos *Fastos christãos e nacionaes*? A História portugueza, tão heroica, o *Flos Sanctorum* e as lendas, as festas populares, as origens das terras, as tradições locais, as festas campestres, os variados trabalhos da vida agricola, as demolições e as criações do nosso tempo, mil novidades scientificas, industrias, commerciaes, artisticas, politicas, etc., ¿não offerciam mèsse illimitada ao ceifeiro poético mais intrépido? Se alguma coisa se pode a tal assumpto reprehender, é a superabundancia, e não a mingua. — Não ha que desbravar; não ha que semear; tudo está nascido; tudo está em flôr, tudo está á mão, abundante, variadissimo, para todos os gostos. E' a lampada de Aladino: esfregar, e pedir por bôeca.

¿Possa algum dos tantos manebos, que por ali nascem poetas, e se desfolham ineultos e ignorados, como a flôr pelos mattos, ceder ás tentações d'este convite, e metter para o desempenho todo o necessario cabedal de boa vontade, de estudo, e de diligencia!...

Castilho — Prologo á sua traducção dos *Fastos* de Publio Ovidio Nasão. — Lisboa — 1862.

LIVRO I

JANEIRO

I

Exórdio.

No intróito dos poemas uso antigo
era implorar as Musas, e captar-lhes
o auxilio sobrehumano. « Deusas, vinde,
« honrae vosso cantor, soprae-lhe o genio,
« infundi-lhe ousadia. »

Ao menos uma,

era sabido armal a padroeira
 ao entetado assumpto. O autor, submisso,
 segregava-a do Pindo, e supplicava-lhe
 patrocinasse a temerária empreza.
 Perfez seu tempo a usança: as modas últimas
 deixam vagar ociosas e tranquillias,
 nas relvas de Helicónios arvoredos,
 á margem de ribeiros sussurantes,
 as donosas irmans do flavo Apollo.
 Não é pois de temer que um vate obscuro,
 cá nos confins da Europa, ouse pedir-lhes
 pagans influências.

Não, não te invoco,
 virgiliana, ovidiana Musa,
 ou Musa horaciana. Vou á Missa,
 sou moderno e christão, vivo no tempo
 do auto-móvel, do electrico, dos auers,
 dos fraques, dos jornaes. Fôra anacrónico
 chamar á minha mesa de trabalho
 as filhas de Mnemósyne, a eloquente
 Calliope, a loquaz Thalia, mestra
 da Comedia, Polymnia, a da Rhetorica,
 Eráto, a amavel tutelar dos lyricos,
 Clio, a que sonda e immortalisa a História,
 Melpómene, a sombria, em cujo pulso
 vibra o punhal dos trágicos, Urânia,
 scismadora da pagina astronómica,
 Euterpe divinal que inspira a Musica,
 Terpsicore, a subtil que rege a Dança,
 todas coroadas de hera, e constrangel-as
 a annuir meneando as sacras frontes.

*

Só digo, em termos chãos, que é meu intento
 gizar na tela um quadro enorme: aspiro
 a cantar-vos na lyra portugueza,
 Fastos christãos, enumerar as festas
 do anno civil, do religioso, os nomes

dos Santos principaes, as costumagens
inda vivas no povo, algum relance
da nossa História antiga; ouso, abalanço-me
a pôr em verso sôlto o Calendario.

II

Exposição.

A Musa que hoje imploro, é conhecida
de nobres e plebeus; bemvinda a todos,
gira no largo mundo em mil formatos.
Ora, austéra, suggere-nos o culto
dos Santos, diz as festas, as domingas
do Pentecostes e da Epiphania,
letras dominicaes, jejuns, e luas;
ora, risonha, traz charadas, versos,
contos, e tudo mais, até lembranças;
é da rua, e das salas; usa o titulo
de *Almanack*, ou *Folhinha*. Essa é a Musa
que venéro, que sigo, a que obedeço.

*

O thema é vasto. A procissão dos mezes
dá-me paineis a rôdo; a penna hesita,
porém, e desfallece.

— ; Animo! ; força! —

me brada a consciencia. Com o auxilio
de Deus hei-de empenhar-me em consagrar-vos,
ó lusas tradições, embora a faina
seja longa, e o excessivo dos assumptos
me derrube no campo da tarefa.

*

Narração.

Janeiro é macambuzio e impetuoso;
folião Fevereiro e lamacento;
o estremunhado Março áureos sorrisos
descerra sôbre os trigos, e é preludio

do aquoso Abril, que nos apresta Maio,
 cheiroso Maio a abarrotar de flores;
 Junho hospéda San-Pedro, Santo Antonio,
 San-João, San-Marçal; temos fogueiras;
 foguetes, sortes; Julho colhe activo
 as divicias da aceifa, e previdente
 os graneis acogula; ardente Agosto
 dispersa nas campinas verdiclaras
 a turba cidadan; já com Setembro
 veem os banhos; alegram-se as vendimas;
 Outubro abre as escolas; a charrua
 rasga o solo, e prepara as sementeiras;
 enroupado Novembro, o mez dos Santos,
 depois das devoções atira alegre
 castanhas ao magusto; emfim, com as festas
 do Natal, volve o pallido Dezembro,
 a tiritar, a aconchegar-se ao lume.
 Vamos, sem susto. O' livros, inspira-me;
 hei-de vencer; hei-de fixar na tela
 esses quadros tão nossos; quero ao menos
 bosquejal-os, por mostra do que fomos,
 « se a tanto me ajudar engenho e arte ».

*

Invocação.

Caso invocar tentasse (á moda antiga)
 um tutelar, chamava-te de Tomes,
 lá das gélidas ribas do Mar-Negro,
 peralvilho Nasão; ou, mestre, amigo,
 Filinto, ao teu moimento ia acordar-te,
 e render-te mil graças, pois teu plectro
 me deu o almiré. Se Ovidio em Roma
 fastos de Roma assignalára, em Lysia
 ensaiaste, Filinto, o magno assumpto,
 a ouvido portuguez preludiando
 as memórias dos fastos portuguezes.

III

I de Janeiro.
— Anno-bom.

Ia a mais o aranzel; o autor é sempre
um falador cadímo; o seu regalo
é palrar; mas detenho-me; oiço os sinos,
os tão canóros sinos de Lisboa,
a chilrar festivaes, ao longe, ao perto.
Dá gôsto ouvir o enthusiasmo nobre,
com que enchem todo o ar, graves e agudós,
rolando em festa as sacras harmonias,
e as melodias rituaes. Percebe-se
na vibração das sonoras ondas,
que vão festas na Egreja e na Cidade.

É dia de Anno-bom. Neste escriptorio
faz frio, que o fogão dissipa a custo;
mas o ambiente anima-se ao só nome
de dia de Anno-bom. Pelas estantes
os empoeirados livros, altos, baixos,
magros, obesos, com sorriso affavel
põem-se a olhar para mim; e o meu tinteiro,
já velho amigo, e de meu Pae lembrança,
dá-me não sei que urbanas boas-festas.
Tinteiro, que assim finges ser um globo
entre emblemas de sciencias, letras, artes,
recorda-me um tal Pae, e incita o filho.
Eu próprio, melancólico relapso,
eu, cuja vida é o culto das saudades,
sinto um júbilo interno, um regosijo
que me restaura, um ar que me remóça.
Neste praso do inverno ha primavera.

Faz um tempo lindissimo; desfralda-se
por sôbre os sete montes da cidade

um ceo todo crystal. Na freguezia
 já me chama aguçoso o campanario
 á festa inicial dos dôze mezes.
 Na rua, guapos domingueiros ranchos;
 nas casas muitas flores; nas crianças
 franca alegria, que illumina os velhos.
 Já me trouxe o correio duas duzias
 de bilhetes amaveis, incluindo
 um do proprio carteiro insidioso;
 e as folhas da manhan, todo cortezes,
 dando trégua ás politicas, tributam
 por dez reis parabens aos assignantes.

Seja assim; o contágio do alvorôço
 melhora o coração. Todo o Rocio
 por velha usança distribue aos lares
 gôrdos piruns, que logo, em mezas lautas,
 hão-de gosar o seu triumpho pósthumo.
 A praça da Figueira inexaurível
 sabe que chega um dia grande, e mescla
 entre couves, linguados, e repólhos,
 boninas invernaes. As collarejas
 sob o lenço vistoso abrem sorrisos
 aos matinaes freguezes; e nos côvos
 anhos, patos, cabritos, balam, grasnam,
 choram, a nostalgia dos oiteiros.

IV

Circumcisão do
Menino Jesus.

Vamos; á Missa,

O' Calendário, dize-me
 qual é a festa. Entendo-te: memora-se
 o Menino Jesus, que circumciso
 foi, do rito judaico em cumprimento.
 A Augusta Sé da moira Lissibona
 traja galas; o Antistite celebra;

ha communhões geraes; a chusma acode,
 por honra d'este Reino Fidelissimo.
 ; Graças aos Ceos! vai crença em muita parte;
 e a despeito dos sórdidos conselhos
 de certa Imprensa vil, prosegue o culto
 á sombra das abóbadas sagradas
 em todas as parochias lisbonenses.

Depois da Missa vou deixar lampeiro
 uns cartões com o meu nome a várias portas
 nesta porta do anno; e nas artérias
 de transito maior vou ver os coches,
 coupés, caleches, tropas a cavallo,
 e generaes, e bandas estrondosas,
 deslizando ao bom sol, e a toda a pressa,
 a caminho da Ajuda.

V

Beija-mão no paço.

— ¿ O que é a Ajuda? —
 pergunta o forasteiro.

E' o paço, onde hoje
 vão acolher os Reis a Côrte em pêso.
 A immensa mole, classica, solemne,
 no oiteiro occidental ergue o seu vulto,
 e alastra a longa renque das vidraças.
 No marmóreo frontão fluctua ao vento
 o vermelho Estandarte. Ao som das musicas
 chega a turba; apeou-se a pouco e pouco.
 Dragonas, plumas, peitos recamados,
 casacas e calções, gravatas brancas,
 murças episcopaes, capellos, beccas,
 sobem a alcatifada escadaria
 enfeitada de nítidos archeiros,
 e espalham-se nas altas amplas salas.
 Ha cortezias, parabens, olhares
 humildes, e sorrisos protectores.
 Das commendas o brilho traz realce

ás fardas dos civis e dos de guerra.
Conhece cada qual Fulano, prócere
de alta prosápia, admira o democráta
Cicrano congraçado, e as novidades
que rutilam no peito de Beltrano.
Tito estuda sorrisos; Caio apruma-se
por ter vencido uma eleição; Semprônio,
Cicero comarcão, perora ufano,
e crê-se o salvador da lusa Patria.
Os mais, com ar composto e commedido,
falando a meia voz, pisando leve,
saudando com piruetas graciosas,
são pasto á observação, bons exemplares
de vaidade submissa. Em cada rôsto
lê-se a satisfação de um rei pequeno.

*

Lá dentro el-Rei recebe o Ministerio,
o Córpo diplomatico, e as figuras
do seu serviço; feito o quê, desanda
nas coiceiras a porta escancarada
sôbre o salão Real. Ao fundo, em throno
elevado em degráus, já os Senhores
aguardam a apinhada companhia.
De um lado as Damas; no fronteiro os Grandes
da Côrte officiaes.

Entra primeiro,
primeira sempre, a Camara dos Pares;
Depois os Deputados; vão por ultimo
os Edís lisbonenses. Cada córpo
por bôcca do emproado Presidente
leu uma allocução.

Segue-se a bicha.

A Marinha de guerra, os militares,
a alta burocracia, os Conselheiros,
Prelados, Lentos, Tribünaes, e Titulos;
sem precedencia vão passando em fila,
vão cortejando el-Rei profundamente,

beijando a mão das lindas Soberanas,
e sahindo. A final, exausta a casa,
entra a Real Academia em grupo,
corteja, e sai.

— Não posso ser primeira —
diz ella; — seguirei no encalce a todos;
no coice hei-de encontrar a primazia;
última sou.

*

—; Vaidade das vaidades! —
murmura algum philósopho enjoadiço,
ou Salomão de contrabando.

Engano,
engano; isto é a fôrma; é a harmonia;
é a ordem social; é o equilibrio;
mútuo respeito, a convergir num ponto.
Apinhado de coches, todo o largo
vai, lento, e lento, despejando as levas,
e volve o paço ao seu silencio avito.

VI

Festas na cidade.

Em quanto ali, nas salas do grão Chefe
se presta reverencia á Monarchia,
cá fóra os vastos bairros jubilosos
celebram festa e gaudio em cada casa:
visitas, trajos novos, cumprimentos,
presentes e jantares; usos velhos,
que em vão tenta expungir quem não alcança
quanto é de proveitoso unir os povos
num pensamento bom.

Nas largas ruas
as mercearias guapas regorgitam:
entre flores sorrindo o confeitiro
não tem mãos a medir; de barba feita
cada barbeiro avia cem freguezes;
e o loiro, o que foi Daphne, o que adornava

as fronte triumphaes no Capitolio,
 enastra a porta aos talhos que se présam.
 Do saudoso Passeio successora,
 a Avenida ouve música de estrondo;
 o elegante namora, e põe violetas
 na lapella do fraque; os pequenitos
 na ventura de esplendidas bonecas
 tocam as raias da ventura humana.
 Dia feliz, que um anno inteiro adeja
 nas memórias; florido início do anno;
 pórtico sorridente... quantas vezes
 aberto sôbre lagrimas!...

VII

1 de Janeiro. S. Fulgencio, Bispo de Ruspe.

O Santo,

de quem trata a Folhinha e resa a Egreja,
 é Fulgencio, que aos brilhos d'este mundo,
 a que lhe davam jus o sangue e as posses,
 o rétro antepôz de agro mosteiro;
 varão douto e piedoso, erguido á cáthedra
 africana de Ruspe. Com a palavra,
 com a penna, foi athleta; atormentado,
 mas sem ceder, comeu o pão do exilio;
 sempre na brécha, heroe da Fé mais pura,
 neste dia da era de quinhentos
 trinta e tres ascendeu da Glória ao premio.

VIII

2 de Janeiro. Abertura das Côrtes.

Com a humildade do asceta hoje contrasta
 (dois de Janeiro) a gala que Lisboa
 presencia cada anno. Alas de tropa
 orlam as ruas; rútilo cortejo
 de reis d'Armas, aráutos, passavantes,

e emplumados garridos cavalleiros,
 leva o Monarcha á sala de San-Bento.
 ¿Que vai fazer? ler na sua voz sonora
 um discurso de esplendidas promessas,
 e descerrar a pálrea ás duas Camaras.
 ; Possa Deus allumiár-vos, delegados
 da Nação! ; possa o espirito inflexivel
 do bem, da fé sincera, e da sciencia,
 guiar-vos, paladins da Liberdade!
 Mas... ; quanta vez na audaz arremettida
 falseais a missão! sim: ; quantas vezes,
 feiticceiros vistosos pyrotechnicos
 de vazia oratória, sois o escandalo
 do bom-senso e da luz, malignas rémoras
 da náu Governação!

Se comprehendesse
 cada qual seu papel, a lusa terra
 com tanto sol, com tanto engenho, e tanto
 senso-commum nas classes dirigidas,
 daria á Europa exemplos de cordura.

IX

6 de Janeiro. — Os Reis.

Já vezes cinco o astro solar dos dias
 se atufou no alto mar. Ao sexto, a Igreja
 célèbra os Reis, que adoram Deus Menino.

No berço jaz, vagindo entre os cuidados
 da Mãe feliz. José, suspenso, atónito,
 vê penetrar a inesperada pompa
 de tres vultos Reaes; graves, solemnes,
 ajoelham. A Virgem, com delicias
 de alegre sôbre-salto, os vê beijando
 a pequenina mão do Filho; offertam-lhe
 joias, incenso, myrrha, e accezas lagrimas
 de respeitosa commoção. No estábulo

divina luz acclara a scena; e fora,
no ceo de Bethleem, a estrella d'alva
brilha serena a illuminar o campo.

¡Quadro assombroso!; em frente ao pobre o humilde,
Belchior, Balthazar, Gaspar, tres Magos,
os Reis!

Por isso os Reis vão hoje ao templo
memorar estas glorias da Judéia,
e a Sé de Lissibona entraja galas;
e por isso tambem os pastelleiros
vendem o *bolo-Rei*, que em fava occulta
distribue passageiras realezas
entre o tinir das taças crystallinas.

X

**7 de Janeiro de 1325.—
Morte d'el-Rei D. Dinis.**

E se falo de Reis, lembro que a sete
do vigesimo quinto de trezentos,
na alcantilada Santarem se extingue
o grande Dom Diniz. Trajaram lucto
a Agricultura, as Letras, a Politica;
afundou-se no báratro do tempo
um singular varão, tronco robusto,
a que se enlaça o roseiral da Santa.
¡Glória ao bom Rei, que em suas mãos bemditas
empunhou lyra e sceptro, e previdente
os espinhos do throno transmudava
em fructos de oiro ao seu pupillo, o Povo!

XI

**7 de Janeiro de 1355.—Mor-
te de D. Ignez de Castro.**

Passados annos trinta, o mesmo dia
viu assombrado a lugubre tragedia,
em que tres Cavalleiros valorosos

mancharam seus braços. Ignez de Castro
em Santa Clara Ignez de Castro é morta ;
e as filhas do Mondego o caso infando
« longo tempo chorando memoraram. »

*

¡ Quanto ella amou ! ; quanto ella foi amada !
Altos cedros da fonte dos amores,
paços de Santa Clara, verdes antros
dos jardins de Coimbra, que assististes
de Ignez e Pedro aos extasis divinos ;
vós, aragens, que a fronte e as tranças d'oiro
beijastes á gentil *Collo de graça*
debruçada no eirado a ouvir o Principe ;
e tu, pallida lua, que mil vezes
colheste na calada da alta noite,
entre os brandos murmurios do Mondego,
aos dois tantos arrulhos namorados ;
dizei, dizei se houve mulher algures
tão querida como ella, se houve amante
tão ditoso como elle, idolatria
como a de Ignez ; e se houve ao cabo angustias
como as de Pedro, furias e rugidos
de tigre e de leão, quaes lh'os ouviram
(e inda os ouvem) Coimbra, o Reino, o Mundo.

XII

7 de Janeiro de 1531.— Grande terremoto em Lisboa.

¡ Oh ! basta, basta. Correm mais dois seculos,
e essa data fatal traz-me á lembrança
o tremor, que ó Lisboa sempre minha
te assolava nos annos de quinhentos
trinta e um. Inda trépido de susto
nol-o conta o chronista ; e nós sentimos
o esboroar de casas, templos, torres,
e o pávido clamor de um povo inteiro.

XIII

**8 de Janeiro. —
Findam as férias.**

Sete soes se atufaram no Occidente ;
tange o sino no oitavo. Eia, estudantes,
eia, entrae. Como sonho se esvahiram
as férias que o Natal vos offertara :
gargarejos de amor pelas travessas,
guitarradas nas noites estellíferas
á luz da lua « que não tem parceiro, »
e cavacos no Gelo e no Martinho.
Tristes vão, sobraçando os semsabores
livros, que o tédio mais pesados torna.
Lembram rebanho, que no monte ao pasto
andou livre e saltão, e que os rafeiros
afucinhando aos seus rédis compellem ;
ou aves, que entre ramas volitavam,
e uma bruxa encerrasse em vil gaiola.

XIV

**14 de Janeiro de 1659. —
Victoria nas linhas d'Elvas.**

Boas fadas (quatorze de Janeiro
de cincoenta mais nove apoz seiscentos)
contigo andaram, Portugal, nas horas
em que audaz Cantanhede alfim rompia
contra a forte Castella as linhas de Elvas.
Sobe a Marquez, e funda o grão Meneses
a Casa senhoril dos Marialvas.

XV

**14 de Janeiro de 1759.
— Expulsão dos bene-
meritos Padres Jesuitas.**

Mas... nem tudo são rosas. Corre um seculo,
e a mesma data carranqueia lugubre.

E' expulsa a Companhia ; o rancoroso
 Pombal, a tripudiar-lhe nos escombros,
 olvidando os talentos, as virtudes
 (elle, ; tão grande !), arrôja do vilipendio,
 Loyola e Xavier, vossa obra augusta ;
 obra em que fulge o Espirito celeste,
 e em que palpita a Fé e a Caridade ;
 obra honesta, que a inveja dos sectarios
 persegue e calumnia ; obra espantosa,
 filha de Deus, e como Deus eterna.

¿ Quem, melhor que esses homens perseguidos,
 mantém o don do ensino, arroteando
 os corações boçaes ? ¿ Quem dá, como elles,
 a norma da cordura e da constancia ?

¿ Quem sabe unir, como elles, a palavra
 ao facto, o exemplo á parenése, erguendo
 tão alto a Cruz, mostrando-a a Reis e Povos
 luminosa de affectos sobrehumanos ?

Honra aos Jesuitas. Lucta e vilipendio
 são-lhes crysol ; calumnias e martyrios
 são-lhes fôgo sagrado, que depura
 a humana imperfeição, e em que se elevam,
 como a Phenix da pyra, aos Ceos e á glória.

XVI

16 de Janeiro de 1818. —
 Fallecimento do Doutor An-
 tonio Ribeiro dos Santos.

O' dia dezasseis ; annos dezoito
 contava o ultimo seculo, e Lisboa
 no seu bairro da Lapa viu finar-se,
 exhausto de fadiga, o venerando
 cultor dos versos e da Historia, o sábio,
 o incançavel polygrapho, o primeiro
 chefe da Bibliotheca lisbonense.
 De Ribeiro dos Santos a memória
 é culto a todos nós, os que lidamos

(embora humildes) em eguaes tarefas.
Honra ao cego vidente, ao mestre, ao grande!

XVII

21 de Janeiro. — Entra o
Sol no signo do Aquario.

Vinte e um. No Aquario o Sol entrou.

O Aquario

é d'el-Rei Tros o tão formoso filho,
raptado aos ceos nas duras garras da aguia
para escanção de Jove. Oh! que saudades
de Troia o moço em lagrimas curtia,
em quanto a ave Real fendendo o ether
o arrebatava para sempre ao mundo!
— ¿Onde estais, — suspirava soluçando —
campos da minha patria, ó largas ribas
do mar, areias de oiro que eu pisava
quando ia lá banhar-me? O' Xanto ameno,
que entre salgueiros sussurravas, lares
de meu pae, ó meu pae que eu tanto amava,
¿onde estais? ¿quem me arrasta?... —

A ave num prompto

o depõe ante os áditos do Nume.

— Vem — lhe diz Jove; — vem, formoso, toma
a urna que te entrego; és meu; socéga;
sou Jupiter. — Tres vezes o mocinho
quíz encarar a lumiosa fronte:
tres vezes succumbiu. Elle o confórta,
dá-lhe a beber um góle de ambrosía,
brada-lhe: — Sús! —

Eis surge Ganymédes;

é signo, e entre os mais soes tem nome Aquário.

*

Da urna inclinada as terras encharcando,
o Aquário vivifica as duras brenhas,
infiltra-se no solo, os ares limpa,

presta alimento ás fontes e aos ribeiros.
 ; Bemvinda a inundação! folga a nabiça;
 reverdece o trigal, a horta, o bosque.
 Em toda a Acháia as Náyas, exultando
 com o transbordar das âmphoras aquosas,
 preparam lymphá ás sêdes dos humanos;
 e por Loires, por Chellas, por Marvilla,
 vão sorrisos de gôsto nos canteiros.
 A Hippocréne extravasa. No Chiado
 triumphá abarrotado de gorgetas
 o enroupado cocheiro; e os passeantes,
 vendo em cascatas os beiraes, bemdizem
 a invenção de galocha e guarda-chuva.
 A chuva é o sangue da lavoiira; afaga
 a raiz do arvoredó, experta as flôres,
 e impelle os rios ao voraz Oceano.
 ; Viva a chuva!

XVIII

**22 de Janeiro — S. Vi-
 cente, e o seu magni-
 fico templo em Lisboa.**

Com chuva amanheceste,
 ó dia vinte e dois; e o bom Vicente,
 o audaz Saragoçano, eis me apparece,
 pallido, a escorrer sangue, envólto em névoas,
 a clamar que o registe em minhas paginas.
 Socéga, campeão: sou teu devoto;
 conheço-te de muito, e noutro livro
 te acolhi carinhoso; é que o teu nome
 vive apegado á portugueza História;
 tu, confessor e martyr, tens baluarte
 em nossos corações.

Inda hoje as barcas,
 ao deslizar na costa turdetana,
 contemplam com terror a penedia,
 onde dormiu seculos sete, occulto
 pela mão da piedade entre barrocas,

o teu corpo sangrento, espedaçado
 pelas mãos de Daciano. Sôbre escombros
 do mosteirinho velho inda se avista
 pairar a tua Sombra. Affonso, o Grande,
 trouxe a Lisboa a tua cinza; a abóbada
 da cathedral vetusta inda a conserva;
 e esse Heroe deu ao nome de Vicente
 egreja colossal por sanctuario,
 que intruso el-Rei Filippe ergueu de novo,
 braço de Tercio, assombro da cidade.

*

**Paço patriarchal de
 S. Vicente em Lisboa.**

Logo á espalda do templo ergue-se um paço,
 casa outr'ora dos Conegos Regrantes,
 hoje solar patriarchal do nobre
 Prelado lisbonense. Os azulejos,
 os claustros, os salões, a escadaria,
 os razes, os retratos venerandos,
 tudo nos ressuscita as eras mortas.
 Sempre álerta, sereno nas refregas,
 lhano a todos, prudente nas consultas,
 é ver como o Pastor, bondoso e sabio,
 d'ahi preside á vasta Diocése.
 A sua mente é a almenára enorme,
 que da nossa ignorancia acclara as trevas;
 o puro coração transvasa affectos
 sôbre nós, qual nascente crystallina
 flue de alta serra a fecundar o campo.
 De graves vetustissimas lembranças
 transbordam templo e paço; e quando os bronzes
 retrôam nos sonóros campanarios,
 dos devotos na mente acordam mundos.

*

¡Que visões!; que memórias sacro-santas
 encerra a nossa Historia!; que doçura

no descobril-as hoje!

E' como á noite,
em provinciano albergue, estar sosinho
a remechar nas cinzas da lareira;
ouve-se fora o ramalhar das árvores;
uiva e braceja o temporal; fuzilam
raios no escuro; e aqui, d'entre memórias,
a mão revolve cinzas inda tépidas,
e o coração saudades sempre vivas.

Eis o que hoje succede á minha penna;
e perdoae se aos nossos fastos publicos
ousou mesclar a pessoal lembrança
do dia vinte e seis.

XIX

26 de Janeiro de 1800—
Nascimento de Castilho.

Foi n'estas horas,
que em Lisboa, a São Roque, viu Castilho
o primeiro raiar do sol da vida.
; Quem dissera a seu pae, quando encantado
namorava o bercinho, que os vagidos
d'aquelle filho eram prenúncio certo
de immoredoira voz, humilde ensaio
de extremado cantor?!

— Sim — lhe bradava
em meigos tons alguma Fada occulta;
eis o honrador do nome teu. No cérebro
d'essa criança obscura ha luz e ha fôgo;
; parabens pae feliz!

E o pae sorria;
lembravam-lhe os seus dias de mancebo
nas saudosas Bairradas, as agruras
da fugaz mocidade, os devaneios

de amôres juvenis ; e erguendo graças
ao Deus bom, que dá pasto aos passarinhos,
murmurava :

— Meu Deus, que a prece escutas
dos que te amam, Senhor, faze que um dia
este nos honre, e, elle só, valha por todos.
Cumpriu-lhe os votos sábia Providencia :
sete annos já rodaram sôbre cento ;
Castilho vive, e ufana as Letras patrias.
Páro aqui, porque tímido « arreceio
« que louvor tão suspeito mal me esteja. »

XX

31 de Janeiro. Falleci-
mento do Cardeal-Rei.

D'este primeiro mez o último dia,
na era de quinhentos mais oitenta
viu extinguir-se entre as Reaes grandezas
de Almeirim, curvo ao pêzo dos invernos,
ralado de incertezas e cuidados,
o bom Rei Cardeal. Das mão exânimas
cahiu-lhe o sceptro, que entre sangue e morte,
dos arciaes do Moiro lhe chegára ;
e de Alcacer-Kebir o desbarato
segunda vez se nos completa em luctos.

XXI

Final.

Detenhâmos aqui teu curso, ó estro.
Janeiro é findo ; e o ceo pesado e duro
com San-Pedro Nolasco e com San-Cyro
cerra a lista do mez.

Vamos, erguei-vos,
memórias festivaes, que em Fevereiro
costumais estrugir ; vinde ; inspira-me.
Hoje só digo, com o prolóquio velho :
« Vae-te embora, Janeiro, vae-te embora,
« deixa-me Abril e Maio, e sou contente. »

MISTRAL E O REGIONALISMO IBERICO

O diário d'Além-Pyrineus, *L'Action Française*, commemorando o passamento do grande poeta provençal, estabelecia um paralelo entre o auctor da *Legende des Siècles* e o auctor da «*Mireille*», para dar o primeiro logar ao maravilhoso cantor das terras do meio-dia. Já vai longe o tempo em que pareciam irreverentes e sem fundamento as criticas de Brunetière, já vae distante o anno em que François Coppée, respondendo a um inquerito literário do *Echo de Paris*, chamava a Hugo «*honra de toda a Poesia, tão grande como Homero e como Virgilio — maior que Virgilio! porque é mais variado — gloria do seculo dexanove e da França!*»

Hoje, Victor Hugo desceu do seu pedestal de semi-deus — para muitos elle era um deus todo inteiro... — e já ousam contrapôr-lhe, até mesmo collocar em plano superior, outros poetas e outras obras. Artista de phrases sonóras e maravilhosa fórma, odiando as ideias, porque as não tinha, reflectindo as mais das vezes as ideias dos outros — e d'ahi as incoerencias da sua obra, — desprezando os pensadores, os philosophos, o auctor dos *Miseraveis* começa agora a occupar o logar que justamente lhe pertence, entre os homens de letras do seu paiz. A critica estabelece, após aturados estudos, que o exilado de Guernesey não deixa propriamente uma obra, mas paginas bellas, paginas perfidamente belas.

Ora Frederico Mistral — sobre quem a *Lusitania* já publicou um artigo interessante — deixa toda uma obra, gigantesca, ingente, em cuja realização ninguem acreditaria, se porventura ella não se apresentasse perante o nosso olhar maravilhado.

Que fez, em verdade, o auctor do *Poema do Ródano*? Que se lhe deve? Qual é a obra colossal, que levou a cabo?

Mistral fez resurgir, pelo seu trabalho e pela sua penna, uma nacionalidade que chegara, mercê de seculos sobre seculos de escravização, á ultima das decadencias. A Provença é a suave região do meio-dia, toda banhada pelo sol bemdito, que põe manchas

d'oiro no verde-pallido das oliveiras e amadura os cachos d'uvas doces. Seculos atraz foi brilhante, pelo seu espirito, e os trovadores que cantavam á moda provençal, levaram, mundo fora, a fama de seu nome.

Pouco a pouco, porém, se foi perdendo a bella linguagem do sul, e os costumes deixaram os seus caracteres proprios, para quasi se nivelarem com os do norte. A revolução de 89, acabando com as franquias das provincias e preparando a republica una e indivisivel, veiu afinal vibrar um derradeiro golpe, na região que morria... Tudo parecia indicar que a Provença tinha vivido, e acabara alfim os seus gloriosos dias d'independencia, pois que os proprios filhos deixavam no olvido a linguagem dos avós. Ninguém poderia prophetizar á ridente provincia mais do que um completo, inteiro, total anniquilamento. Não se vislumbra um unico indicio de vida.

... Foi então que appareceu Mistral.

Era intelligente, era activo, e era moço. Tinha vinte e cinco annos. Lançou-se confiado á tarefa enorme, e, como pórtico de toda a sua obra, publicou, na velha lingua da sua terra natal o poema do amor e da morte, onde palpita toda, a sua vida provençal: a *Mireia*.

Passou pelo mundo um arrepio d'assombro. Quem era o poeta? Onde vivia? Em que empregava o tempo? O poeta era um rapaz de génio, filho querido de Provença, que gastava os seus dias vivendo a vida rude dos campos e marcando as tradicionaes *farandolas*, n'uma alegria sã de tom christão. Quem escrevera o livro fôra elle, mas nas suas palavras, nas suas tendencias, nas suas aspirações, era toda uma Provença renascente que falava. Elle era o propheta da ventura, annunciando uma vida mais gloriosa e mais feliz, para cujo advento trabalhava, congregando á sua volta os homens de boa vontade. Não o animava um *sno-bismo* ridiculo de quem pretende evidenciar-se: cumpria a alta missão que Deus lhe reservara n'este exilio da terra. Por isso, os patriotas foram vindo. A sua obra os tinha chamado. Tambem queriam cumprir o seu dever de provençaes.

Os *Irmãos da Cigarra d'Oiro* foi o primeiro grupo que se formou. Todos poetavam, todos amavam as tradições, todos eram amigos, todos eram irmãos.

Não se tratava d'um movimento politico. Não havia comicios,

nem copos d'agua, nem promessas mentirosas. Era um movimento enorme de renascimento, que se desenhava, dia a dia mais forte, mais glorioso, mais irresistivel.

Depois veiu a *Felibrige*, academia sem pretensões e sem polvilhos, que reune, sob o nome de *felibres* — literalmente, os mestres, os que ensinam — todos os poetas da Provença. Á frente, como é natural, o iniciador do movimento. Depois, divididos em secções — *Gay-Saber, Historia, Musica, Bellas Artes, Sciencias e Amigos* — todos os homens d'intelligencia e espirito artistico, votados á campanha épica: Theodoro Aubanel, Luiz Roumieux, Tourtoulon, Julio Cabouje, Anselmo Mathieux, Vidal, Alberto Amavielle, Gabriel Azair, Mir, Güard, e varios outros.

Ha então um periodo de intensa actividade litteraria. Apparecem poemas, livro de historia, cantigas, sobretudo cantigas, que o povo aprende de cór e espalha em toda a superficie da terra da Provença. Percorre todo o sul da França um enthusiasmo santo e o homem do meio dia, sempre tão prompto para o arrebatamento, sente-se reservado para alevantados destinos, projecção da vida brilhante d'outr'ora.

A *Felibrige* vai marcando o seu logar no mundo e cumprindo o seu programma, que todo se condensa em dois artigos, onde ha sol, onde ha calor e onde ha vida.

Art. 1.º Fica estabelecida a Felibrige para conservar e guardar á Provença a sua lingua, o seu character, a sua liberdade de acção, a sua honra nacional e o seu bom reinado de intelligencia; porque tal como é, a Provença agrada-nos. Entende-se por Provença todo o sul da França.

Art. 2.º A Felibrige é alégre, amiga, fraternal, cheia de singeleza e de franqueza. O seu vinho é a belleza, o seu pão a bondade, o seu caminho a verdade. O sol é a sua alegria, o seu amor a sciencia, e Deus a sua unica esperança.

Todos os annos os *felibres* se reúnem, e celébram banquetes de confraternização, em que não ha nada de pandaguetico e a que só admittem pratos regionaes. Promovem jogos floraes nas cidades e vilas. Conseguem fomentar uma activissima vida intellectual.

E reina entre todos uma amizade forte d'irmãos.

« *Sian tout d'ami, sian tout di paix,
Sian li cantaire dou país.
Tout enfantoun amo sa maire,
Tout ancelloun amo sooun nis.
Noste ceu blu, noste derraire,
Tome per noses andré aux parodis. »*

« *Sian tout d'ami galoi e libre
Que la Prouvenço nos fai gau:
Es naudré que sian si felibre
Li gai felibre Provençau. »*

A' sua parte, Mistral não pára, não dobra, não se cança. E' elle que a todos anima, que a todo o sitio corre, que se multiplica, que se desdobra. Depois de *Mireia* — e áparte mil poesias esparsas — o *Calendal*, a *Rainha Joana*, *Nérto*, as *Ilhas d'Oiro*, o *Poêma de Ródano*.

Pacientemente, laboriosamente, atravez de vinte annos da sua vida, Frederico Mistral vai compondo o *Trésor da Felibrige*, dicionario monumental, onde os exemplos, artisticamente dispostos, conseguem amenizar o texto e transformam os dois volumes, grossos e pesados, n'uma leitura agradável.

O auctor do *Calendal*, é toda a renascença provençal, a sua alma, a sua vida, o seu verbo superiormente bello. Em boa verdade se póde dizer que, sem Frederico Mistral, a Provença rolaria definitivamente na vála escura da morte. Era o fim.

* * *

Na Peninsula, uma região existe proxima parente da Provença, tambem patria de trovadores e de poetas, a Catalunha. Outr'ora o seu nome era respeitado, os seus privilegios reconhecidos. Mas chegou o dia fatal em que o centralismo castelhano a escravizou, e desde então a Catalunha chora a sua perda independia.

A campanha tão brilhantemente conduzida por Mistral, alem Piryneus, veiu despertar o sentimento patriotico dos catalães. « *A Catalunha e a Provença são as duas nações irmãs a quem incumbe a conservação da lingua d'oc*, diz o auctor do « *Nerto* ». As

cantigas que os *felibres* compunham para os homens de Tarascon e de Arles encontravam echo no coração d'alguns letrados, que tiveram a ideia de levar a effeito um monumento semelhante. Aqui e alli seguiam-se vozes, recordando saudosas os tempos de esplendor.

Victor Balaguer, exilado em terras de França, fixou a sua residencia no meio-dia e aprendeu, dos labios mesmos de Mistral e dos seus companheiros, o plano que mais tarde haveria de seguir, na sua ardua empreza. Pouco a pouco, uma legião se forma. Veem poetas, veem historiadores, veem romancistas. O amor da esquecida Catalunha a todos prende e a todos anima. Guimerá, Narciso Oller, Duram y Baz, Prospero de Boparull e quantos outros, provam ao mundo que a sua terra não morreu, porque as nações vivem das tradições e pela sua intelligencia, e elles amavam o passado e tinham talento.

Maior do que qualquer dos seus compatriotas, acima d'elles, como poeta maximo da sua raça, esquece Verdarguer — o pobre, o triste, o dolorido Verdarguer — um dos mais notaveis poetas latinos de todos os tempos. Portugal, tão proximo da Barcelona, que conhece os bordeis parisienses e a sua litteratura suja, que lê, por snobismo, Maximo Gorki e Leão Tolstoï, não conhece, doloroso é confessa-lo, o auctor da « *Atlantida* ». D'este poema deu-nos o homem de superior talento, que é o jesuita Serafim Gomes, uma traducção notavel. Poucos a leram, porém. Poucos tiveram o inegavel prazer espirital de travar conhecimento com uma das mais culminantes figuras da intelligencia contemporanea, honra da Europa e da Peninsula.

Quando uma nacionalidade produz homens como Verdarguer, poetas cujas obras são tão extraordinariamente notaveis pela simplicidade, pelo suave misticismo que as impregna, essa nacionalidade vive e ninguem poderá augurar-lhe morte proxima. A Catalunha, ao ver os seus filhos empenhados na generosa tarefa de fazê-la respeitada e querida, entrou de compenetrar-se do seu valor e de reclamar um logar condigno no equilibrio peninsular. Foi do movimento litterario — indirectamente impulsionado pelo genio de Mistral — que brotou o movimento politico. Quem recordou á Catalunha os seus pergaminhos de nobreza, lhe gritou o seu valor, quem a deslumbrou com os primores da sua intelligencia — foram os seus poetas, os seus historiadores, os seus dramaturgos e os seus artistas. Não é de suppor que sem a renascença provençal —

que attrahiu a sympathia do mundo culto para as nações da lingua de oc, e em geral para todas as que a escravização ameaçava matar — se tivesse levado a effeito esse grande movimento, que tem o seu centro na industrial cidade de Barcelona.

E' de notar que não se trata d'um movimento partidario ou dinastico. Bem longe d'isso, a *Solidariedade catalã* é formada por catalalistas, carlistas, republicanos e integralistas. E' bem um movimento nacional. As suas aspirações acham-se compendiadas no programma de Maurêra, e resumem-se em a autonomia e o reconhecimento official da lingua. Trata-se d'um *home-rule* catalão.

Fazendo causa commum com a Catalunha, a seu lado para a exigencia de identicas isenções, estão as Baleares e o Reino de Valencia, as outras regiões peninsulares onde se fala a lingua de oc. Os povos vão accordando, erguendo-se, formando para a batalha final, em que ha-de jogar-se a sorte do seu ideal. Da Provença o fôgo pegou á Catalunha, da Catalunha a Valença, de Valença ás Baleares.

O incendio, porém, não fica circumscripto ás regiões da lingua de oc. Vai mais além, alastra, lambe as montanhas do Norte e as veigas verdejantes de Noroeste. Levantam-se as provincias baixas, a Navarra, a Galiza. Não ha sangue demasiado, nem ruído d'armas, nem devastação, nem pilhagem. Mas apparecem dezenas de poetas, inspirados, ébrios de patriotismo, deslumbrados pelas energias dos de sua raça, cantando a terra natal e os feitos dos maiores. Em toda a terra de Hespanha passa um sopro pode de renascimento. E, por toda a parte, são os homens de letras quem marcha na vanguarda.

Na nossa vizinha Galiza, appareceu toda uma pleiade de talentos, entre os quaes cumpre destacar historiadores como Murguia, auctor da *Historia da Galiza* e poetas como Rosalia de Castro e Curros Enriquez.

Onde se vê, que até os nossos irmãos d'além-Minho onde ficaram insensíveis ao movimento, que a todos erguia para a vida e para a lucta.

* * *

Ora este movimento deve maximamente attribuir-se á influencia exercida por Mistral, á sugestão do exemplo d'essa

Proença irmã da Catalunha, que tão galhardamente sabia a reclamar um lugar de destaque entre as nações cultas do universo.

Foi em Catalunha que a onda começou a formar-se, em Catalunha que é o prolongamento da terra abençoada, em que os *felibrés* desferiam as cordas das suas liras. A *farandola* — dança provençal característica — passou d'um simples jôgo de movimentos a uma sãia gymnastica central, a farandola do espirito. Aquem Pyreneus, os que o acaso puzera em contacto com os iniciadores, quizeram tambem produzir um levantamento semelhante. Victor Balaguer, que por terras do meio-dia de França, passara horas d'exilio, veio acender na sua patria o entusiasmo e a fé na victoria. Elle proprio foi animar os de Galiza, presidindo aos jôgos Floraes de Pontevedra. E sempre as suas palayras de incitamento, animaram os tímidos ou os que as contrariedades facilmente dobram, n'uma lamentavel falta de energia.

Todo o immenso trabalho, levado a cabo pelas outras regiões da Peninsula, quasi o desconhece Portugal, onde só agora tambem foram traduzidas *Mireia* e *Nerto*.

Frederico Mistral — figura culminante da raça latina, indice do que somos e do Valemos — impulsionou largamente o regionalismo iberico. Ao menos por esse titulo — que outros não tivesse o grande poeta a nossa consideração — devia merecer-nos o trabalho d'alguma horas de estudos. Julgamos que a sua obra nos levaria ao conhecimento de que nem só o *boulevard* é grande inspirador e bello. Na paz edenica dos campos, entre fontes murmurantes e oliveiras cançadas de dar azeite que é o sangue de seus fructos, os poetas sem menos posições e menos refuscados. Ama-se a patria na egrejinha franca que um cento de arvores verdes rodeia, e a cruz da vida é mais leve, mais de supportar. Só alli é possivel dedicar-se alguem, com Mistral, á tarefa ingente de resuscitar a Patria, e levar ainda, ás glorias das outras, tambem moribundas, o grito libertador que as faz erguer e marca no mundo, por aquilo mesmo que faz as nações grandes, a intelligencia e o patriotismo.

Coimbra, — Julho — 914.

D. JOSÉ MANUEL DE NORONHA.

CHRONICA DO MEZ

Não ha nega-lo. Ruge temerosa sobre nossas cabeças, subjuga o prende a attenção do mundo, surpreso, vacilante, paleo da maior tragedia da Historia, a alastrar como a chama devoradora de um incendio enorme, na cabelugem adusta dos montes.

Riscam o céu lividos signais de perdição e de morte que enlutam e apavoram, e nas almas contristadas de inquieto receio, faz-se o doloroso silencio das agonias sem remedio.

Vive-se sobre a fornalha ardente de um vulcão, cuspidno lavas de morte, em halitos de fogo.

E' a guerra que passa, assoladora e fatal, no seu cortejo de luto, transmutando os campos ferteis, onde germina o pão de Deus e a florescencia das rosas, em pantanos de sangue, onde, nas tabidas ensudações da agonia, escabujam corpos lacerados de guerreiros.

Fornidavel e colossal incendio, de origens mal definidas — quem sabe se de um odio eterno de raças, se da scentélha inflamada d'aquelle regicídio, na longinqua cidade de Seravejo, elle vai queimar as mãos que o atearam e prepararam eriminosamente n'um continuo trabalho de sapa, bastante comodo por se não arriscar a pele.

Hoje, como ha um seculo, a Europa treme convulsa e receiosa, lusente de armas e de flamulas, sentindo no ar que respira a poeira das batalhas-e ressaibos acres de carne humana a apodrecer nos meandros dos silvedos.

Ha um seculo, Napoleão desiludido da sua obra destruidora e artificial, vendo o luto que semeava, os escombros fumegantes que deixara na sua passagem de Atila moderno, atravez do continente europeu, pensava vagamente, no erro sociologico que ella representava, a sua obra de ruinas, ajoldando á mesma tirania ambiciosa povos de idiosincrasia diversa.

Quebrada pelo seu pulso de ferro a unidade politica e moral da Europa, talhando e retalhando sobre o mappa, a metro e a compasso, reinos e imperios para a familia, como um seculo depois o sr. Affonso Costa talhava e retalhava as postas no ministerio da justiça, o ousado capitão que a ferro e fogo soubera conquistar o mundo, comprehendeu, nas tardes melancholicas de Santa Helena, a nefasta loucura da sua politica desvairada, cega, despotica — a peor de todas — por que se faz sempre em nome da liberdade.

Refeita do abalo que lhe infligira o côrso, a Europa recompunha-se, ao depois, regressando em parte, aos seus limites naturaes os povos escravisados.

Agora, a moderna Allemanha, guerreira e audaz, á voz imperiosa do seu Kaiser com fumaças de Bonaparte, atira para a maior guerra com a mole dos seus exercitos, invade impetuosamente as fronteiras dos povos neutros, fuzila e incendeia, calcando sem escrúpulos, impiedoso, feroz, cruel, o sagrado direito das gentes.

Já ali, n'uma nesga de territorio belga, se sente o estrepito invasor dos soldados allemães e, então esse povo heroico de trabalho industrial fecundo, ergue-se como um só homem, frente a frente da horda e é de vêr como elle em dias seguidos, só, abandonado das tropas alliadas, se bate sem temor repellindo com rara coragem a brusca violencia germanica!

Fermoso gesto de bravura e leal firmeza foi o teu, ó povo trabalhador e honrado, que dás ao mundo atonito e surprezo, um altissimo exemplo de singular abnegação, opondo á turba invasora um nobilissimo exercito de bravos, animados pela admiravel serenidade, pela mocidade heroica do grande rei Alberto!

Grande Patria a Belgica, e apesar de pequena em territorio e tão minuscula, que bem poderia a Allemanha embrulha-la na folha de um charuto do Kaiser...

Elle deve ter mordido o beiço, sabendo da attitude da Republica em face do conflito.

Não convindo manter uma neutralidade equivooca que n'um dado momento deixasse o paiz abandonado á cobiça desenfreada de vencidos e vencedores, reúne-se o Congresso para definir a situação de Portugal perante a conflagração.

Afonso Costa clama que depõe a sua bandeira no *altar sagrado da Patria* e Antonio José de Almeida, agitando a cabelleira, como nos aureos tempos dos comicios, grita congestionado de revolta: *Vamos para a guerra!*

Brito Camacho, mais matreiro, frio, maquiavelico, achava bem e piscava os olhos mal lavados, por detraz das embaciadas lunetas, como que a dizer por troça: *Que bem que fallam!*

— Pela Inglaterra! Pela Aliança! ouviu-se de todos os lados da Camara.

E a gente pergunta, intrigada, se, em verdade aquelles eram os homens que em 91 cuspiram em afogueadas coleras, vilanias e improperios contra a Inglaterra, acusando a monarchia de com ella mercadejar a honra nacional e de buscar na secular aliança o apoio que o paiz lhe não dava...

Breve os acusadores de então absolveram... por falta de culpas os homens experimentados do regimen deposto.

A todos chega, cedo ou tarde, a justiça imanente da Historia.

— Viva a França! Viva a Inglaterra, clamorizava nas ruas a multidão irrefletida, sugestionada, insensata, pensando, talvez, em assaltar consules, como não há muito assaltara os jornaes monarchicos.

Ah! Os jornaes monarchicos! A sinistra figura de Eloy, moço de recados do sr. Bernardino, jurou extirpa-los, rendê los por successivas apreensões.

— Proíbe-o a Constituição? Que importa, a Constituição sou eu, a minha vontade é a lei.

Ao jornalismo monarchico o mais brilhante do paiz, não convinha, por todos os motivos, uma escravidão tam degradante. Preferiram e bem, suspender até que renasçam melhores tempos, a escrever só... para a policia...

Emquanto aos jornaes da velha causa se consuma com incrível desearo aquella perseguição injusta e odienta, varios *Mundos* ficam por ahí á selta para atirar sobre a imprensa monarchica accusações infamantes, n'uma linguagem de viella, humida de esverdiadas invejas.

— Aleemos o olhar para Deus, n'esta hora dolorosa em que a guerra desvasta e ensopa de sangue a Europa e os catholicos choram a morte do Chefe Supremo da Igreja.

Pio x não teve o genio nem a fina diplomacia de Leão XIII, mas foi o reformador apostolico, criterioso, que chegou á hora propria.

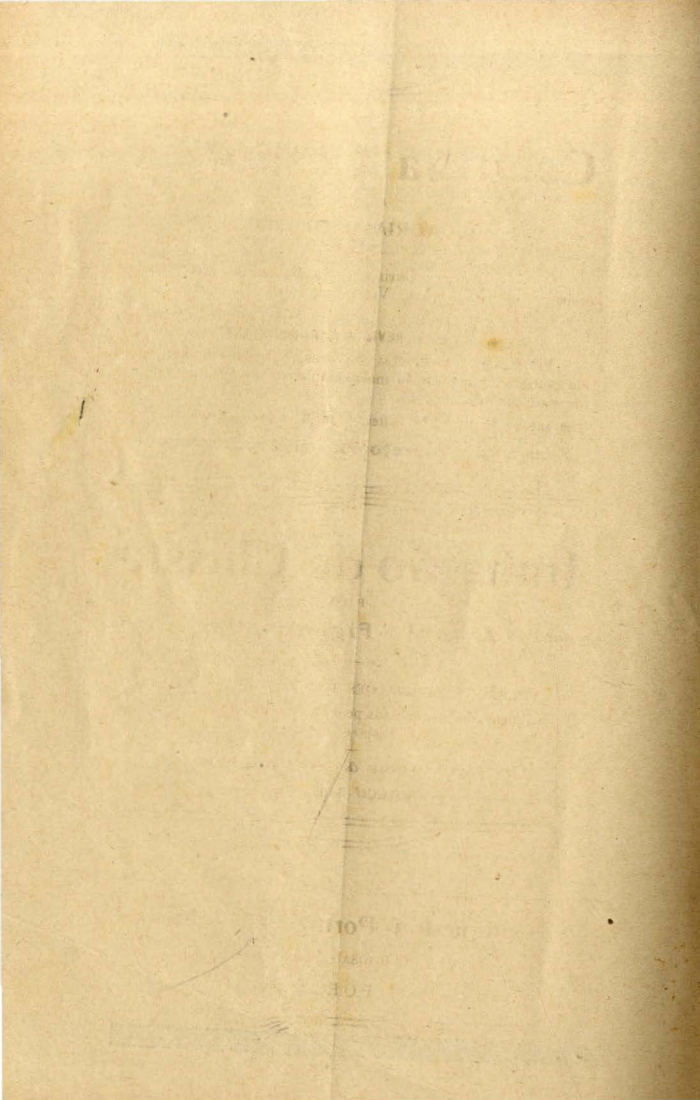
Humilde, virtuoso, de uma bondade e firmeza que tanto realçavam a sua figura candida de velho, procurou restabelecer, n'uma epocha de materialismo utilitario, a pureza dos costumes christãos em toda a sua essencia e restaurar tudo em Christo.

Tal o pensamento da sua obra renovadora.

Até onde o conseguiu é cêdo para o dizer.

Povos que vos devorais como lobos famintos, Pio x morreu e antes de morrer chcrava pela calamidade da guerra...

JOÃO DE CASTRO,
Advogado.



Cartilha Catholica

PELO

PADRE ADRIANO DE MATTOS

Contém Doutrina Christã e sua explicação, Methodo de assistir e ajudar á Missa, Via-Sacra, Rosario e outras devoções e Festas da Egreja.

2.^a EDIÇÃO, REVISTA E AUGMENTADA

Bom papel, excellentes gravuras, e bella encadernação em percalina. E' a edição mais completa e perfeita da *Cartilha de Doutrina Christã*.

Com approvação do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo do Porto

Preço 100 reis

Imitação de Christo

POR

Antonio Figueirinhas

VERSÃO, PONDERAÇÕES E METHODO DE MISSA

Obra approvada e prefaciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio Bispo do Porto

Um volume de 703 paginas

PREÇO 300 REIS

À VENDA NA

Companhia Portugueza Editora

(SECÇÃO RELIGIOSA) — R. da Fabrica, 13

PORTO

ACABA DE APPARECER:

O PARAISO DO CHRISTÃO

PELO

Padre J. Lourenço de Mattos

Devocionario dedicado especialmente ás
jovens e ás senhoras.

É livro destinado a um grande successo,
porque versa com toda a proficiencia e espi-
rito religioso o dia, a semana, o mez e o
anno do christão.

*Approvado pelo Rev.^{mo} Sr. D. Antonio,
Bispo do Porto*

PREÇO 400 REIS

PEDIDOS Á

Companhia Portugueza Editora

(SECÇÃO RELIGIOSA) — R. da Fabrica, 13

PORTO